

**Notas adicionais à Relação I**

(An. da Soc. Brot., ano II, 1936, p. 45)

*Pinus Pinea* L. da cêrca do antigo Convento dos O'ivais — Coimbra.

Há uma referência a esta árvore em Sousa Pimentel, Árvores gigantes de Portugal, Lisboa, 1894, p. 19.

Aí se refere que a árvore foi prostrada por um grande temporal três anos antes, por consequência em 1891. Nestas condições devem recuar-se em 15 anos tôdas as datas indicadas no quadro V, p. 10, do Anuário de 1936. A idade de 3 séculos indicada na referida publicação é que não está exacta.

*Pinus Pinea* L. da Quinta da Murteira da Companhia das Lezírias — Samora Correia.

Existe notícia dêste Pinheiro em Joly (Ch.), Note sur quelques Arbres géantis du Portugal, Extrait du Journ. Soc. Nationale d'Horticulture de France, cahier d'avril, 1893, p. 2 e fig. 7 da separata, e em Sousa Pimentel, Árvores gigantes de Portugal, p. 18, est. 3 (a mesma de Joly). A forma desta árvore é muito semelhante à do Pinheiro da Quinta da Ponte (Anuário de 1936, p. 16-17), e ainda que Sousa Pimentel tenha escrito « é provável que seja o pinheiro de mais larga ramaria que existe no país » o da Quinta da Ponte é actualmente ligeiramente maior.

*Pinus Pinea* L. da Quinta do Pinheiro — Covilhã.

Faz-se referência a esta árvore considerando-a como uma das mais belas da espécie em H. J. Elwes e A. Henry, The Trees of Great Britain & Ireland, vol. V, p. 1125, com a publicação duma bela estampa (pl. 291) reproduzida do mesmo negativo que serviu para a que foi publicada na Brotéria e já citada.

*Pinus Pinea* L. da Quinta da Penha Verde — Cintra.

Em Elwes e Henry l. c., p. 1121, há referência a um pinheiro de Pena Verde (assim vem escrito), Sintra, que supomos ser êste mesmo. Segundo medidas do autor teria (em ?) 75 pés de altura total e o tronco 30 pés por 12 pés.

Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, Julho de 1937.





ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO IV

REDACTORES

DR. ABÍLIO FERNANDES

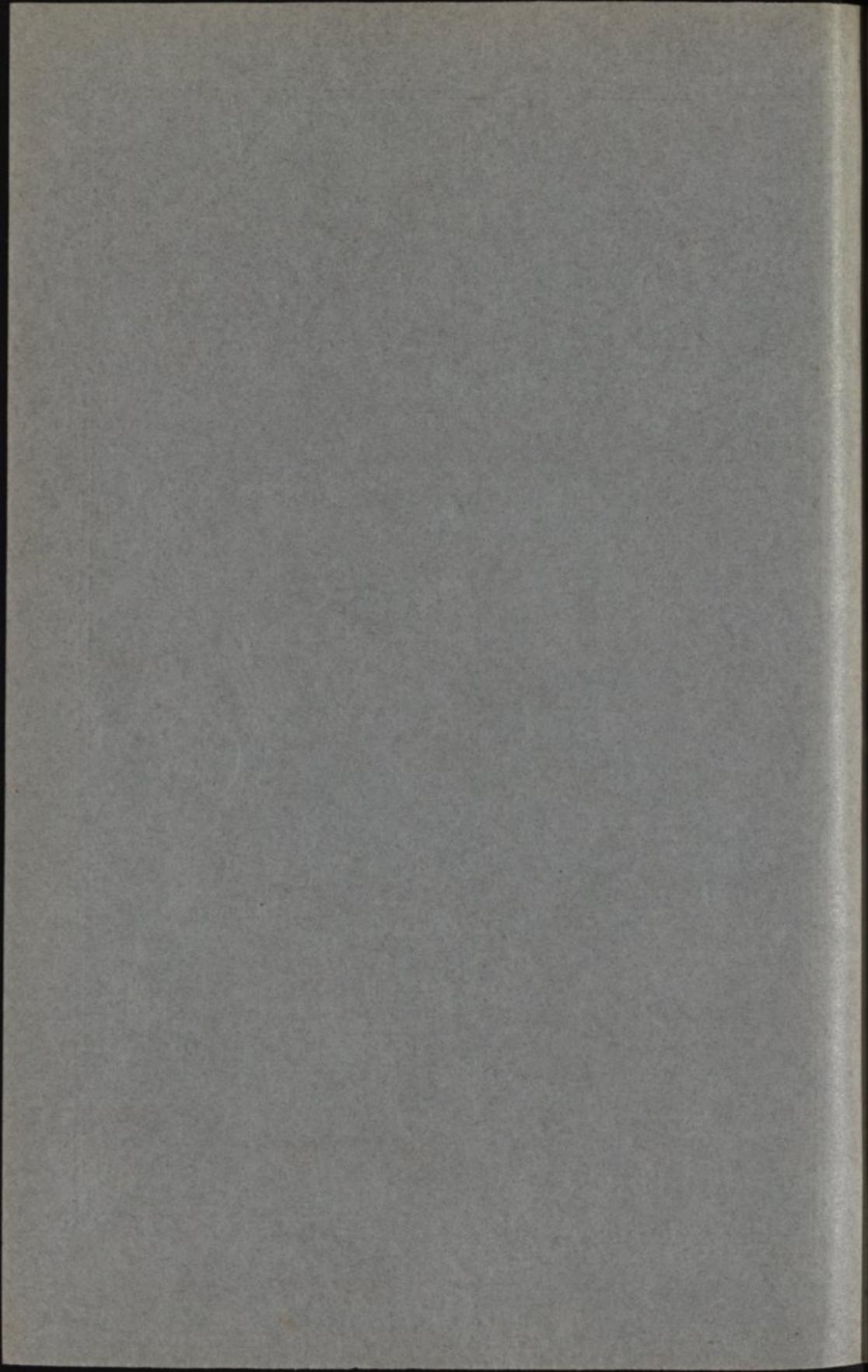
Prof. de Botânica

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



1938



# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

ANO IV

REDACTORES

DR. ABÍLIO FERNANDES

Prof. de Botânica

F. A. MENDONÇA

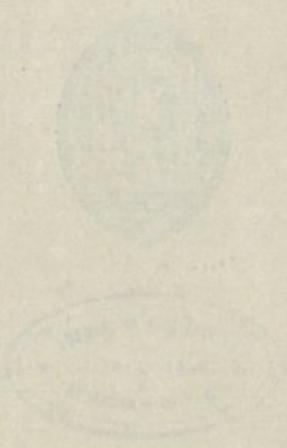
Naturalista do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



1938

ANUÁRIO

SOCIEDADE BROTERIANA



## SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

### ASSEMBLEIA GERAL

Reunião de 16 de Fevereiro de 1938

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. Manuel Fernandes Costa*

Concedida a palavra ao Vice-presidente da Direcção, Dr. Abílio Fernandes, referiu-se êste, em termos sentidos, à perda irreparável sofrida pela Sociedade com o falecimento, em Mossâmedes, onde se encontrava chefiando uma missão de exploração botânica, do reorganizador e Presidente da Sociedade, Prof. Dr. Luís Carrisso e propôs que na acta se exarasse um voto de profundo sentimento pela sua morte, o que a Assembleia aprovou por unanimidade.

Iniciou em seguida a leitura do relatório da Direcção, referente ao ano de 1937, que é do teor seguinte:

«Como é do conhecimento de todos vós, em 27 de Fevereiro do ano transacto, o Presidente da Sociedade Broteriana e Director do Instituto Botânico, Prof. Dr. Luís Carrisso, levado pelo seu entusiasmo científico e patriótico, partiu, pela terceira vez, para Angola, chefiando uma missão que tinha por objectivo continuar a exploração botânica daquela nossa província ultramarina. Quando a missão percorria o deserto de Mossâmedes e via já muito próximo o seu termo, a morte veio surpreender Luís Carrisso que, lá longe, tombou para sempre, ocupando, até ao seu último momento, o pôsto que o Governo da Nação lhe havia designado.

Com êste triste acontecimento, um luto muito profundo atingiu a Sociedade Broteriana, que viu assim desaparecer o



Homem que superiormente a orientava e conduzia, o Homem que lhe instilava energia, o Homem que a animava e fazia viver.

Todos os sócios sentiram bem a rudeza e a profundidade do golpe e todos êles choraram a perda irreparável que a Sociedade sofreu.

A morte do desventurado Prof. Dr. Luís Carrisso veio, como era natural, ocasionar uma certa perturbação na vida da Sociedade e assim se explica que a sua actividade, durante o ano de 1937, fôsse menos intensa que nos anos anteriores.

Após o falecimento do seu malogrado Presidente, um dos primeiros cuidados da Direcção foi o de procurar, adentro das suas possibilidades, prestar uma justa homenagem à memória do Homem a quem a Sociedade deve a sua existência actual. Desta maneira, a Direcção promoveu a publicação, no número III do Anuário, de uma pequena notícia necrológica, acompanhada de uma fotografia e resolveu organizar um número especial do Boletim que seria dedicado à memória do ilustre extinto. Êste número especial do Boletim, que, além dos artigos sobre a vida e a obra do Prof. Carrisso, da autoria dos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Profs. Anselmo Ferraz de Carvalho, Aurélio Quintanilha, Maximino Correia e D. António Xavier Pereira Coutinho, conterà também colaboração, sob a forma de artigos originais, de quasi todos os botânicos portugueses e de muitos estrangeiros que sinceramente admiravam a obra do sábio de que tanto nos orgulhamos, encontra-se já organizado e está previsto o seu aparecimento para Dezembro de 1938.

Sendo do conhecimento da Direcção que os portugueses de Angola, num belo gesto de gratidão pelo Homem que tanto pugnou pela occupação científica dessa nossa Colónia e que tanto contribuiu para fazer despertar no espirito dos portugueses metropolitanos a consciencia da realidade do seu Império Colonial, tinham aberto uma subscrição cujo produto seria destinado a custear as despesas da construção, em Mossamedes, de um monumento que perpetuasse a memória de Luís Carrisso, resolveu que a Sociedade se subscreveria com uma quantia que seria fixada pela Assembleia Geral

ordinária, de acôrdo com as possibilidades financeiras do momento. A quantia com que a Sociedade poderá contribuir para aquela tão interessante iniciativa não poderá, porém, deixar de ser modestíssima. Por êsse motivo, a Direcção chama a atenção de todos os sócios para essa subscrição, pois que todos êles, individualmente, poderão fazer com que se torne mais avultada a contribuição metropolitana.

Olhando agora o caminho percorrido pela Sociedade, poderemos dizer que ela tem progredido, pois que o número de sócios tem aumentado. Assim, inscreveram-se 16 durante o ano de 1937, sendo actualmente o seu número de 14 honorários e 98 ordinários.

O número de sócios, porém, ainda não é suficiente. Torna-se, por isso, necessário intensificar a propaganda da Sociedade e criar à sua volta uma atmosfera de entusiasmo, que conduza até nós as pessoas que se interessam pelo progresso dos estudos botânicos em Portugal.

A-pesar-do número de sócios ser já relativamente considerável, verifica-se, no entanto, que poucos são aqueles que têm feito herborizações. Para satisfazerem os objectivos da agremiação a que pertencem, torna-se necessário que cada sócio, seguindo as instruções contidas no número 1 do Anuário, inicie, desde já, os seus trabalhos. Só organizando as suas colecções e enviando-as para o Instituto Botânico de Coimbra, os sócios da Sociedade Broteriana poderão fazer com que ela desempenhe no futuro um papel tão importante como aquele que desempenhou no passado.»

Aprovado o relatório, foi resolvido, de acôrdo com a doutrina expressa no mesmo, que se fizesse um apêlo a todos os sócios, no sentido de se angariarem donativos que, adicionados à quantia de que o Tesouro da Sociedade pudesse dispor, prefizesse uma quantia satisfatória, com a qual a Sociedade contribuiria para o monumento a erigir em Mossâmedes à

memória do Prof. Dr. Luís Carrisso. Por proposta do Presidente da Direcção, Prof. Dr. Custódio de Moraes, foi também resolvido que a Direcção fixasse depois, de harmonia com as suas possibilidades financeiras, a quantia com que o Tesouro da Sociedade deverá contribuir.

Em seguida o Vice-presidente apresentou as contas que foram aprovadas e que acusaram, em 31 de Dezembro de 1937, um saldo de 798\$70.

A Assembleia resolveu reconduzir os dois vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. Aloísio Fernandes Costa e Virgílio da Rocha Diniz. Resolveu mais, à semelhança do que se fêz nos anos anteriores, manter em 1\$00 o valor da quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1938, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

## DIRECÇÃO

Reunião de 16 de Fevereiro de 1938

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. J. Custódio de Moraes*

Foi resolvido:

- a) Que a comissão de redacção do Boletim ficasse a ser constituída pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. Abílio Fernandes e A. Taborda de Moraes;
- b) Que a comissão de redacção das Memórias e Anuário ficasse a ser constituída pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. Abílio Fernandes e Francisco d'Ascenção Mendonça;
- c) Intensificar a propaganda da Sociedade e exortar os sócios a realizar trabalhos de herborização.

## LISTA DOS SÓCIOS

HONORÁRIOS:

Abílio Fernandes, Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Adriano Gonçalves da Cunha, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

- Alphonse Luisier (P.<sup>o</sup>), Instituto Nun'Álvares, Caldas da Saúde, Minho.
- Américo Pires de Lima, Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.
- António Luís Machado Guimarães, Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.
- D. António Xavier Pereira Coutinho, Prof. aposentado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto Superior de Agronomia.
- Artur Ervideira, Prof. auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Aurélio Pereira da Silva Quintanilha, Prof. aposentado da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.
- Francisco d'Ascenção Mendonça, Naturalista do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra.
- João Gualberto de Barros e Cunha, Prof. aposentado da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.
- José Manuel Miranda Lopes (P.<sup>o</sup>), Vimioso.
- Manuel Fernandes Costa, Prof. da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra.
- Rui Teles Palhinha, Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

ORDINÁRIOS:

- Adelaide Gomes, Prof.<sup>a</sup> liceal, Lisboa.
- Adosinda Cordeiro Rosado, Prof.<sup>a</sup> primária, Redondo, Alentejo.
- Aida Nunes de Sousa Palmeiro, Prof.<sup>a</sup> liceal, Figueira da Foz.
- Alberto Candeias, Prof. liceal, Lisboa.
- Alberto Osório de Castro, Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Lisboa.
- Albino de Carvalho, Prof. primário, Santa Marinha do Zêzere.
- Albino Gonçalves Dias, Médico, Vila do Conde.
- Alfredo dos Santos Balacó, Prof. liceal, Faro.
- Alice Beatriz de Lemos Pereira, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.

- Alice Cerqueira de Magalhães, Prof.<sup>a</sup> primária, Valença do Minho.
- Aloísio de Carvalho Fernandes Costa, Prof. da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra.
- Álvaro Sampaio, Prof. liceal, Aveiro.
- Américo Abúndio Guerreiro, Prof. liceal, Viana do Castelo.
- Amílcar de Magalhães Mateus, Médico, Vila Nova de Gaia.
- Aníbal Augusto da Silva Pereira, Prof. primário, Barreiro.
- António Alves Saltão, Farmacêutico, Beja.
- António Augusto da Rosa Pinto, Prof. liceal, Portimão.
- António de Figueiredo Gomes e Sousa, Engenheiro Agrónomo, Inhambane, Moçambique.
- António Júlio Gomes, Farmacêutico, Chaves.
- António Luís Franco, Prof. liceal, Lisboa.
- António Moura, Pôrto.
- António Pinto, Prof. liceal, Guarda.
- António Pires Rodrigues, Vila Fernando, Marmeleiro, Guarda.
- António de Queiroz Lopes, Lic. em Ciências Biológicas, Coimbra.
- António dos Santos, Farmacêutico-químico, Monte Estoril.
- Armando Bonucci Alves da Veiga, Prof. liceal, S. Vicente, Cabo Verde.
- Arnaldo da Fonseca Roseira, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.
- Arthur William Exell, Naturalista do British Museum, Londres.
- Artur António Maria Saraiva, Prof. liceal, Guarda.
- Artur Augusto Brandão, Farmacêutico, Parede.
- Artur Augusto Tabora de Moraes, Prof. auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.
- Augusto Gomes Soeiro, Prof. liceal, Pôrto.
- Carlos Augusto Fernandes, Comerciante, Póvoa de Varzim.
- Carlos Teixeira, Prof. liceal, Pôrto.
- Daniel Maciel, Prof. primário, Durrães, Minho.

- Delfim Luís Pires, Oficial músico, Coimbra.  
Diogo de Sá Vargas, Prof. liceal, Lisboa.  
Eduíno Geraldês Botelho, Ponta Delgada, Açores.  
Elvira Eduarda Arriscado Nunes, Prof.<sup>a</sup> liceal, Coimbra.  
Ester da Conceição Pereira de Sousa, Lic.<sup>a</sup> em Ciências  
Biológicas, Coimbra.  
Euclides de Araújo, Prof. liceal, Bragança.  
Flávio Resende, Prof. liceal, Lisboa.  
Florival Lino Mamede, Lisboa.  
Francisco António Júnior, Montalegre.  
Francisco Ferreira Pinharanda, Farmacêutico, Coimbra.  
Francisco Ferreira Borges, S. Joaninho, Santa Comba Dão.  
Francisco de Sousa Inez, preparador da Escola Superior  
de Farmácia da Universidade de Coimbra.  
Francisco Teixeira de Azevedo, Coimbra.  
Guilherme de Barros e Cunha, Prof. da Escola Superior  
de Farmácia da Universidade de Coimbra.  
Herculano Zacarias Vilela, Lisboa.  
Ilda de Albuquerque Manso Preto, Penamacor, Beira  
Baixa.  
Ilda dos Reis Azevedo, Prof.<sup>a</sup> liceal, Lisboa.  
Ilídia de Castro Marques, Póvoa d'El-Rei, Pinhel.  
Ilídio Moreira, Lic. em Ciências Histórico-Naturais,  
Braga.  
João Rodrigues de Almeida Santos, Prof. da Faculdade de  
Ciências da Universidade de Coimbra.  
Joaquim de Sousa Campos, Prof. primário, Vairão, Vila  
do Conde.  
Joaquim Viegas Graça do Espírito Santo, Regente agrí-  
cola, Bissau.  
Joaquim Vieira Natividade, Engenheiro Agrónomo,  
Alcobaça.  
Jorge Alberto Martins d'Alte, Pôrto.  
José Agostinho, Oficial do Exército, Angra do Heroísmo,  
Açores.  
José Alves Pereira, Prof. primário, Águeda.  
José Antunes Serra, Assistente da Faculdade de Ciências  
da Universidade de Coimbra.

- José Augusto Medeiros, Farmacêutico, Avelar.  
José Baeta Cardoso do Vale, Farmacêutico, Coimbra.  
José de Barros Neves, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.  
José Cipriano Rodrigues Diniz, Prof. da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra.  
José Gomes de Brito Barbosa, Lic. em Ciências Biológicas, Pinhel.  
José Gonçalves Garcia, Prof. liceal, Beja.  
José Lopes Cristo, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.  
José Pedro Dias, Farmacêutico, Aljustrel.  
José Ramos Bandeira, Prof. da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra.  
José de Sousa Dourado, Lic. em Ciências Biológicas, Lisboa.  
Júlio Lebois Fonseca, Pôrto.  
Liberato Tomé, Cónego, Coimbra.  
Luís da Costa Correia, Prof. primário, Monchique.  
Luís de Oliveira Maia, Lisboa.  
Manuel Aleixo Cunha, Prof. liceal, Guarda.  
Manuel Cabral de Resende Pinto, Prof. do Ensino Secundário, Valongo.  
Manuel Ferreira, Prof. auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.  
Manuel Jara de Carvalho, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.  
Manuel Maria Salgueiro Barcelos, Farmacêutico, Pôrto.  
Manuel Moreira da Fonseca, Videmonte, Guarda.  
Manuel dos Santos Júnior, Azaruja.  
Maria Amália Loureiro Figueiredo, Prof.<sup>a</sup> primária, Cepões, Lamego.  
Maria Amélia Pais Mamede, Lisboa.  
Maria Augusta Maia Neto, Lic.<sup>a</sup> em Ciências Biológicas, Figueira da Foz.  
Maria Irene Leite da Costa, Pôrto.  
Maria José de Moura Machado, Prof.<sup>a</sup> liceal, Braga.  
Maria de Matos Freire, Prof.<sup>a</sup> liceal, Lisboa.

- Maria da Nazaré Barbosa, Prof.<sup>a</sup> primária, Lisboa.  
Maria Rodrigues Duarte, Lic.<sup>a</sup> em Ciências Biológicas,  
Guarda.  
Maria Tôrres Soutinho, Prof.<sup>a</sup> primária, Pôrto.  
Mário António da Cunha Mora, Prof. liceal, Coimbra.  
Maximino Correia, Prof. da Faculdade de Medicina da  
Universidade de Coimbra.  
Miguel Pereira, Prof. primário, Campia, Vouzela.  
Paulo Emílio Cavique dos Santos, Engenheiro Agrônomo,  
Lisboa.  
Sara Baptista Leitão, Antropologista do Instituto de  
Antropologia da Faculdade de Ciências da Univer-  
sidade de Coimbra.  
Sebastião Tomaz dos Santos, Prof. liceal, Lisboa.  
Seomara da Costa Primo, Assistente da Faculdade de  
Ciências da Universidade de Lisboa.  
Solcêlio Augusto dos Santos Lima, Mêda, Marialva.  
Virgílio da Rocha Diniz, Prof. liceal, Coimbra.

### ACTIVIDADE DOS SÓCIOS

Do sócio número 42, Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Alves Pereira, Águeda, recebemos 33 especimens provenientes das suas colheitas e cuja designação botânica consta da lista seguinte:

- 1 — *Asplenium Adiantum-nigrum* L.
- 2 — *Carlina corymbosa* L.
- 3 — *Sonchus oleraceus* L.
- 4 — *Blechnum Spicant* (L.) Sm. ? (incompleto).
- 5 — *Amarantus retroflexus* L.
- 6 — *Elatinoides spuria* (L.) Wettst.
- 7 — *Ammi majus* L.  $\alpha$  *genuinum* Gr. et Godr.
- 8 — *Solanum nigrum* L.
- 9 — *Heliotropium europaeum* L.
- 10 — *Chenopodium album* L.
- 11 — *Delphinium Ajacis* L.
- 12 — *Agrostis elegans* Thore.
- 13 — *Melissa officinalis* L.

- 14 — *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn.
- 15 — Musgo.
- 16 — *Setaria glauca* (L.) P. Beauv.
- 17 — *Wahlenbergia hederacea* (L.) Rchb.
- 18 — *Picris hieracioides* L.
- 19 — *Polycarpon tetraphyllum* L.  $\alpha$  *floribundum* Wk.
- 20 — *Mentha rotundifolia* L.  $\beta$  *bullata* Briq.
- 21 — *Taraxacum officinale* Webber  $\alpha$  *Dens-Leonis* (Desf.)
- 22 — *Plantago major* L.
- 23 — *Digitalis purpurea* L.  $\gamma$  *tomentosa* (Hoffgg. et Lk.)  
Brot.
- 24 — *Athyrium Filix-femina* (L.) Roth.
- 25 — *Menta Pulegium* L.  $\beta$  *tomentella* (Hoffgg. et Lk.)  
P. Cout.
- 26 — *Hypericum acutum* Moench.
- 27 — *Corrigiola littoralis* L.
- 28 — *Verbena officinalis* L.
- 29 — *Plantago lanceolata* L.  $\epsilon$  *erriophora* (Hoffgg. et Lk.)
- 30 — Planta exótica.
- 31 — *Tolpis barbata* (L.) Gaertn.
- 32 — *Brunella vulgaris* L.
- 33 — *Hypochaeris radiata* L.  $\beta$  *neapolitana* (DC.)

## A SOCIEDADE BROTERIANA E O ESTUDO FITOGEOGRÁFICO DE PORTUGAL

por

ABÍLIO FERNANDES

O estudo da fitogeografia de Portugal encontra-se bastante atrasado e torna-se urgente que os botânicos portugueses metam, desde já, ombros a esta empresa.

É evidente que para se fazer o estudo fitogeográfico de Portugal, será necessário que os fitogeógrafos portugueses percorram o país e façam as suas observações «in loco», detendo-se, particularmente, no estudo da composição e distribuição das associações vegetais que forem encontrando. Ao estudarem, porém, inúmeros problemas que dizem respeito a certas espécies, necessitarão também compulsar os dados arquivados nos herbários, pois que só com o auxílio desses dados os fitogeógrafos poderão obter uma informação exacta sobre as áreas de distribuição das espécies que lhes interessam. Ora, se pretendermos fazer estudos desta natureza, verificamos que, embora os dados já existentes sejam relativamente consideráveis, eles não são ainda suficientes no que respeita a inúmeras espécies. Aumentar os dados existentes pela descoberta de localidades novas, contribuir para que possamos adquirir um conhecimento exacto da distribuição das plantas espontâneas ou introduzidas em Portugal seria uma tarefa que se encontra bem adentro do âmbito da Sociedade Broteriana. Como os seus sócios se encontram dispersos por todos os pontos do país, a sua contribuição poderia ser valiosíssima desde que se entregassem, com

entusiasmo, à exploração botânica das regiões em que habitam, fazendo as suas colheitas e enviando as suas colecções para o Instituto Botânico de Coimbra.

E mal imaginam os sócios da Sociedade Broteriana como os dados, na aparência tão insignificantes, referentes às localidades em que as plantas habitam, poderão contribuir, quando utilizados em conexão com outras fontes de informação, para a solução de problemas da mais alta importância e transcendência, como seja por exemplo o problema magno da biologia, o problema da origem das espécies.

É nosso intuito apresentar, nas poucas páginas que seguem, um caso concreto que, na nossa opinião, confirma sobejamente a afirmação que acabamos de fazer.

Do género *Narcissus* fazem parte, além de outras, três espécies extraordinariamente belas que o vulgo designa conjuntamente pelo nome de Junquinhos e que cientificamente têm as designações de *Narcissus jonquilla* L., *N. jonquilloides* Willk. e *N. gaditanus* Boiss. et Reut. (ver, para a descrição destas espécies, Anuário da Sociedade Broteriana, Ano II, págs. 20 e 21). A comparação destas três espécies (figs. 1, 2 e 3), debaixo do ponto de vista dos seus caracteres da morfologia externa, mostra que *N. jonquilloides* é muito parecido com *N. jonquilla* e bastante distinto de *N. gaditanus*.

Confrontando, porém, atentamente os caracteres de *N. jonquilla* com os de *N. jonquilloides*, verifica-se que é possível distinguir estas duas espécies, pois que *N. jonquilloides* possui fôlhas mais estreitas, flores mais pequenas, tubo do perianto mais curto, tépalas mais imbricadas e uma coroa mais comprida (quási tão longa como as tépalas).

Confrontando depois *N. jonquilloides* com *N. gaditanus* chega-se à conclusão de que os caracteres que permitem distinguir a primeira espécie de *N. jonquilla*, ou representam

precisamente condições intermediárias entre *N. gaditanus* e *N. jonquilla*, ou representam caracteres de *N. gaditanus*. Assim: 1) *N. jonquilla* possui fôlhas relativamente largas;



Fig. 1 — *Narcissus jonquilla* L. var. *Henriquesi* Samp.

Exemplares cultivados no Jardim Botânico de Coimbra e provenientes de Torrão (Baixo Alentejo).

*N. gaditanus* apresenta fôlhas muito finas, semicilíndricas; *N. jonquilloides* possui fôlhas de largura intermediária; 2) *N. jonquilla* possui flores relativamente grandes; *N. gaditanus* tem flores pequenas; as dimensões das de *N. jonquilloides* são intermediárias; 3) o tubo do perianto de *N. jon-*

*quilla* é muito longo; o das flores de *N. gaditanus* é bastante mais curto; *N. jonquilloides* exhibe dimensões intermediárias; 4) *N. jonquilla* apresenta as tépalas pouco ou nada ímbri-



Fig. 2 — *Narcissus jonquilloides* Willk.

Exemplares do Herbário do Instituto  
Botânico de Coimbra.

cadadas; em *N. gaditanus* e *N. jonquilloides* as tépalas são imbricadas; 5) as coroas das flores de *N. gaditanus* e *N. jonquilloides* são quási tão compridas como as tépalas.

A verificação destes factos suggeriu-nos a ideia de que

*N. jonquilloides* poderia talvez ser um híbrido, produzido pelo cruzamento de *N. jonquilla* com *N. gaditanus*. Mas, seria legítima esta ideia? A resposta a esta pergunta surgiu

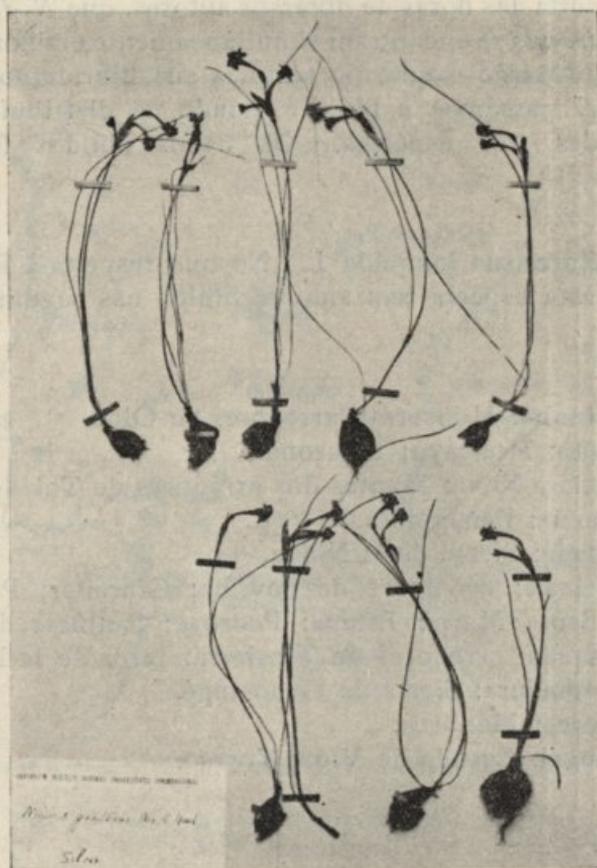


Fig. 3 — *Narcissus gaditanus* Boiss. et Reut.

Exemplares do Herbário do Instituto  
Botânico de Coimbra.

imediatamente: esta ideia só se poderá manter se os dados referentes à época de floração e à distribuição geográfica se coadunarem com ela, isto é se êsses dados mostrarem: 1) que *N. jonquilla* e *N. gaditanus* estão em flor ao

mesmo tempo; 2) que as duas espécies habitam ou habitaram uma mesma região; 3) que nessa região existe ou existiu também *N. jonquilloides*.

Tentámos então esclarecer o problema. Tendo verificado, pela consulta das floras de diversos autores, que *N. jonquilla* e *N. gaditanus* se encontram simultâneamente em flor durante o mês de Março e que, portanto, a sua hibridação poderia ter lugar, passámos a fazer o estudo da distribuição geográfica das três espécies. Os dados obtidos foram os seguintes (1):

1 — *Narcissus jonquilla* L. No que respeita à Península Ibérica, esta espécie tem sido recolhida nas seguintes localidades:

Catalunha: Monserrat; arredores de Olot.

Aragão: Moncayo; Tarazona.

Castela-a-Nova: Montes dos arredores de Toledo.

Valência: Peñagolosa.

Granada: Sierra de la Nieve.

Andaluzia: arredores de Sevilha; Gibraltar; Puerto de Santa Maria; Estepa; Pedroso; Sanlúcar de Barrameda; arredores de Trasierra; Jerez de la Frontera.

Extremadura: Sierra de Guadalupe.

Baleares: Menorca.

Portugal: Castelo de Vide; Torrão.

---

(1) Para elaborar as listas da distribuição geográfica, tivemos que nos limitar, no que respeita à Espanha, aos dados de WILLKOMM (*Prodromus Florae Hispanicae, Illustrationes Florae Hispanicae Insularumquae Balearium e Supplementum Prodromi Florae Hispanicae*) e COLMEIRO (*Enumeración y revisión de las plantas de la Península Hispano-Lusitana é Islas Baleares*), pois que, infelizmente, não pudemos recorrer às indicações que os herbários espanhóis nos poderiam fornecer. No que diz respeito a Portugal, utilizámos, como fontes de informação, os herbários dos Institutos Botânicos de Coimbra e Lisboa.

Com êstes dados foi elaborada a carta da figura 4 que mostra dois factos interessantes: 1) que *N. jonquilla* vive principalmente nas regiões montanhosas; 2) que esta espécie, descendo das montanhas, conseguiu, no sul, instalar-se na



Fig. 4 — Carta mostrando a distribuição geográfica de *N. jonquilla* L.

região litoral, nas proximidades de Gibraltar, Puerto de Santa Maria, Jerez de la Frontera e Sanlúcar de Barrameda.

2 — ***Narcissus gaditanus*** Boiss. et Reut. Esta espécie apresenta uma área de distribuição muito mais restrita que

a de *N. jonquilla*, como se pode ver pela seguinte lista das localidades:

Andaluzia: arredores de Cádiz; arredores de Medina-Sidonia; entre Chiclana e Medina-Sidonia; arredores

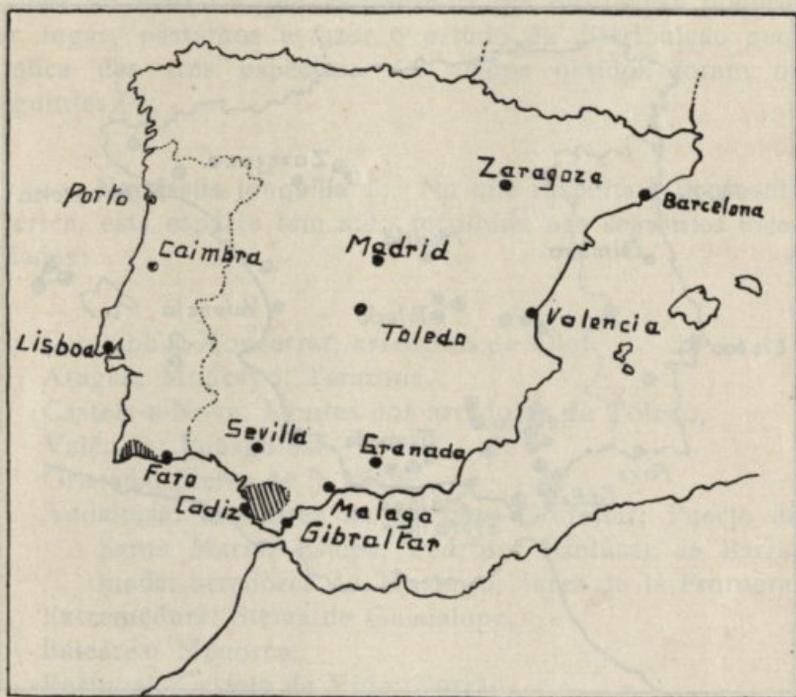


Fig. 5.—Área geográfica de *N. gaditanus* Boiss. et Reut.

de Jerez de la Frontera; Cerro de S. Cristóbal, nas proximidades de Grazalema.

Portugal: entre Monchique e Lagos; S. Bartolomeu de Messines; Odiaxere; Silves; Loulé.

A análise da carta da figura 5, obtida com estes dados, mostra que *N. gaditanus* habita uma pequena região na Andaluzia e uma outra no Algarve, enquanto que a sua exis-

tência não foi ainda assinalada na região intermediária, isto é na região compreendida entre Sanlúcar de Barrameda e Loulé. É provável que a descontinuidade desta área não seja senão aparente e que ela resulte quer da falta de dados, em virtude da região intermediária não ter sido suficientemente explorada até à data, quer do facto de *N. gaditanus* ter desaparecido dessa região, em consequência da instalação de culturas ou por qualquer outra causa impossível de determinar. É, pois, provável que a área de distribuição de *N. gaditanus* seja ainda ou tenha sido contínua aproximadamente desde Chiclana até quasi ao Cabo de S. Vicente.

3 — **N. jonquilloides** Willk. Esta espécie foi colhida nas seguintes localidades:

Andaluzia: entre Sevilha e Cádiz; Sanlúcar de Barrameda.  
Portugal: Lagos; entre Monchique e Lagos; entre Monchique e Vila do Bispo; entre Alte e S. Bartolomeu de Messines; entre Monchique e Vila Nova de Portimão; entre Vila Nova de Portimão e Lagos.

A carta (fig. 6), obtida com os dados mencionados, mostra que a distribuição de *N. jonquilloides* é bastante semelhante à de *N. gaditanus*. Como para esta espécie, é provável que *N. jonquilloides* ocupe ou tenha ocupado também a região intermediária, onde a sua presença não foi ainda assinalada.

A comparação das três cartas (figs. 4, 5 e 6) mostra que as três espécies se encontram conjuntamente na Andaluzia, numa região aproximadamente delimitada por uma linha que una Cádiz, Sanlúcar de Barrameda, Sevilha, Grazalema, Medina-Sidonia, Cádiz. Êste facto mostra, pois, de uma maneira bastante nítida, que, efectivamente, *N. jonquilloides* poderia ter sido originado pelo cruzamento de *N. jonquilla* com *N. gaditanus*, pois que êle nos aparece numa região em que vivem conjuntamente os seus supostos pais.

Em face dos dados da distribuição geográfica, torna-se então muito provável que *N. jonquilloides* tenha sido originado na Andaluzia, na região mencionada, pouco tempo

depois de se ter diferenciado *N. gaditanus*. Dispondo de um «habitat» muito semelhante ao da última espécie e de um poder de multiplicação vegetativa muito intenso, *N. jonquilloides* avançou, juntamente com *N. gaditanus*, para o Ocidente, conseguindo as duas espécies atingir quási o Cabo

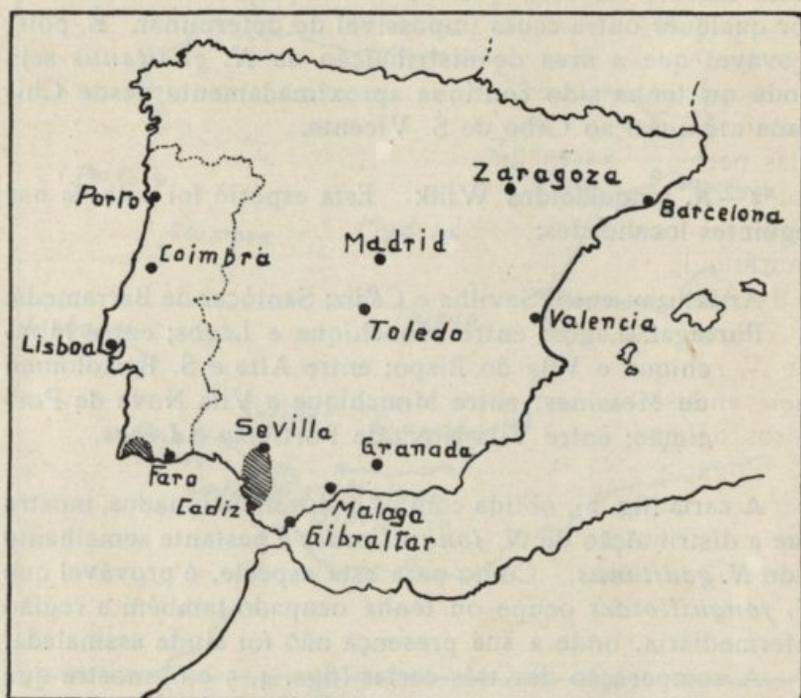


Fig. 6—Área geográfica de *N. jonquilloides* Willk.

de S. Vicente. O *N. jonquilla*, adaptado principalmente às regiões montanhosas elevadas, não os conseguiu acompanhar, provavelmente pelo facto de as regiões do litoral não serem favoráveis ao seu desenvolvimento. Cruzado, porém, com *N. gaditanus*, espécie adaptada à região litoral, deu origem a *N. jonquilloides* que, pelo facto de ter obtido de *N. gaditanus* a capacidade de poder viver nas regiões baixas do

litoral, substituíu, por assim dizer, o *N. jonquilla* no seu caminho para o Ocidente.

Podemos então dizer que os dados fornecidos pela distribuição geográfica estão completamente de acôrdo com a hipótese que o estudo da morfologia externa sugeriu.

Mas os híbridos apresentam caracteres citológicos especiais, pois que particularmente as divisões que têm lugar nas anteras, nas células que dão origem aos grãos de pólen, apresentam caracteres próprios. Poderíamos então tentar a contraprova pelo lado citológico. Não está na índole desta publicação referirmo-nos às observações efectuadas, pois que elas pertencem ao domínio de um capítulo especial da Citologia—a Cariologia. Bastará, por isso, dizer que essas observações confirmaram plenamente a ideia que o estudo da morfologia externa sugeriu e os dados da época de floração e da distribuição geográfica confirmaram também.

Poderemos então dizer que a hipótese sôbre a origem de *N. jonquilloides*, que nos surgiu a princípio timidamente pela análise dos caracteres da morfologia externa, adquiriu foros de muito provável, graças aos dados fornecidos pela fenologia e pela distribuição geográfica e se transformou em certeza, graças aos estudos cariológicos (número e morfologia dos cromosomas e comportamento destes durante as divisões de redução).

\*  
\*   \*  
\*

Pensamos que o caso que acabamos de relatar é bastante elucidativo e mostra, de uma maneira bem clara, a importância que o conhecimento, o mais completo possível, das áreas de distribuição das espécies tem para a resolução de problemas do mais alto interesse. E contribuir para que se adquira um conhecimento exacto da distribuição das plantas que vivem em Portugal poderia, como já acentuámos atrás, ser uma tarefa a executar pelos sócios da Sociedade Broteriana.

E não penseis que o vosso esforço será improficuo. Os dados por vós recolhidos, nas regiões em que habitais,

virão reunir-se aos já existentes na admirável fonte de informação que é o Herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, construído, em grande parte, graças ao esforço e ao entusiasmo dos sócios de outrora da Sociedade Broteriana.

Ali, na quietude dos seus gabinetes de trabalho, os estudiosos poderão compulsar êsses dados e utilizá-los para a solução de outros problemas tão ou mais complexos do que aquele que acabamos de apresentar. E vós recebereis, em troca, a compensação máxima que pode ser atribuída a qualquer cientista: a certeza de ter contribuído, com a sua quota parte, para os progressos da ciência a que se dedica.

## BREVES ESTUDOS NA FLORA PORTUGUESA

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS

**Lavandula officinalis** CHAIX in Vill., Hist. Pl. Dauph. I (1786) 355 et II (1878) 363; D. A. CHAYTOR, Study of the Genus *Lavandula* in Journ. Linn. Soc. London LI 338 (1937) 172; M. L. GREEN, Botanical names of Lavander and Spike in Kew Bull. 6 (1932) 295 et 2 (1935) 75.

*Lavandula latifolia* MOLLER non WILL. + *Lavandula vera* DC. var. *pyrenaica* [non BENTH.] MOLLER, Catalogo das Plantas Medicinaes que habitam o continente portuguez (1882) 91.

*Lavandula Spica* L., A. PEREIRA COUTINHO, As Labiadas de Portugal in Bol. Soc. Brot. XXIII (1907) 155-156 et Flora de Portugal (1913) 528.

*Floresce e frutifica*: Junho a Setembro.

$\alpha$  var. **angustifolia** ROUY & FOUC., Fl. Fr. XI (1909) 255 fide CHAYTOR, l. c., 173.

**Exsiccata**: Lyon, JORDAN!

*Distribuição em Portugal*: Monchique.

*Ecologia*: Espontânea (ou subespontânea?)

*Especímenes*: Monchique (alt. 500 m.) Junho 1887, MOLLER!

$\beta$  var. **delphinensis** ROUY & FOUC., l. c., 255 fide CHAYTOR, l. c., 173.

**Exsiccata**: C. PRIMOT in Herb. J. Garnier-Flore de la Meurthe, Vandoeuvre près Nancy (calcaire

jurassique), juillet 1906! POSCHARSKY in Flora Dalma-  
tica, Salona, 17-6-1895! Riouleux, juillet 1891, GODET (?!)  
St. Paul, à Valmolle (Hérault) 2 juillet 1889, SILHOL!  
Herb. Analyticum (Coll. M. Buysman) n.º 74!

*Distribuição em Portugal:* Todo o país.

*Ecologia:* Cultivada.

*Especímenes:* Cult. em Cintra, 10 Julho 1843,  
n.º 3585! Cult. em Coimbra, Junho 1876, MOLLER!

γ var. *pyrenaica* BENTH., Lab. gen. et Sp. (1832)  
149 fide CHAYTOR, l. c., 174.

**Exsiccata:** ABBÉ MAILHO in Soc. Dauphinoise  
n.º 724! Caroli Pau herb. hisp., julio 1901! Herb. L.  
Giraudias-Plantes de France, 17-7-89!

Não encontrei espécímenes portugueses, ainda  
que MOLLER mencione esta variedade como ocorrendo  
no país.

**Lavandula latifolia** VILL., Hist. Pl. Dauph. II (1787) 363;  
D. A. CHAYTOR, l. c., 174.

**Exsiccata:** F. Scultz, herb. norm. n.º 578! ARISTOLOBE, in  
Société Cénomane d'exsiccata n.º 687! Herb. Ch. Arnaud-  
-Layrac (Lot & Gar.) St. Gúraud (Hérault), 8 sept. 1897,  
AUBRY! Herbar L. Giraudias-Plantes de France, juillet 92,  
GUILLOT! et 29-7-88! Drôme, Crest, in collibus aridis, 8-77,  
HERVIER! Cesati et Caruel pl. Ital. bor. n.º 425! Plantes  
d'Espagne, 11-9-1906, F.<sup>RES</sup> SENNEN ET ELIAS!

*Distribuição em Portugal:* Observada por mim desde  
Assafarge a Vila Sêca, ao sul de Coimbra, nos cabeços a um  
lado e outro da estrada.

*Ecologia:* Espontânea em manchas de maior ou menor  
extensão nas partes mais áridas do Jurássico inferior (Sine-  
muriano).

*Floresce e frutifica:* Julho a Setembro.

*Especímenes:* TABORDA DE MORAIS in Herb. Inst. Bot.  
Univ. Conimbricensis n.ºs 3758 et 3813!

Os espécimes mencionados condizem perfeitamente com os da Itália, França e Espanha, países que com a península dos Bálcãs constituem a área geográfica da espécie.

É um subarbusto de até 1 metro de altura, acinzentado, muitas vezes associado à *Stachelina dubia* L. e realizando os dois tal mimetismo com a cor clara do solo calcáreo que nele se apagam à primeira vista.

O carácter numérico das flores existentes na axila de cada bráctea que separa as secções do género — para um lado *Stoechas* e *Spica*, plurifloras, com até 7 flores na axila de cada bráctea, para outro *Pterostoechas*, *Chaestostachys* e *Subnuda* com 1-2 flores — apresenta-se nos nossos exemplares variável, predominando até as brácteas 1-floras e sendo só na base da espiga que geralmente aparecem as brácteas 3-floras. Igual facto se observa porém na maioria dos exemplares de *exsiccata* mencionados, pois só nos dois últimos existem realmente as brácteas 3-floras.

É esta espécie nova para a flora de Portugal.

Certamente que em Adolpho Frederico Moller, «Catalogo das Plantas Medicinaes que habitam o continente portuguez», se menciona a *Lavandula latifolia* WILL. (= *L. Spica* β. L., *L. vulgaris* β. LAMK., *L. Spica* D.C.) ao mesmo tempo que a *Lavandula vera* D.C. var. β. *pyrenaica* BENTH (= *L. Spica* α. L., *L. Spica* GR. GODR., *L. vulgaris* α. LAMK., *L. officinalis* CHAIX., *L. pyrenaica* D.C.) apresentando-se ambas como originárias da região mediterrânica e muito cultivadas em Portugal nas hortas e quintais.

Mas se é verdade que está bem feita a separação entre a primeira das duas como sinónimo da *L. Spica* β. L. e a segunda como equivalente ao tipo da mesma *L. Spica* [Sp. Pl. (1753) 572], também é verdade que as plantas do próprio Moller existentes no Herbário deste Instituto documentam o erro de determinação. Com efeito os espécimes que mencionámos de Moller: Monchique 1887 e Coimbra, Junho 1876, classificados como *Lavandula latifolia* WILL. não pertencem a esta espécie, pois são a verdadeira *Lavandula officinalis* CHAIX (= *L. Spica* L. var. α.)

Mais tarde o Sr. Prof. Pereira Coutinho em «As Labiadas

de Portugal», no Bol. Soc. Brot. xxiii (1907) pp. 155-6, examinando os mesmos espécimes denominou-os como *Lavandula Spica* L. considerando o de Monchique como da var. *delphinensis* (JORD.) BRIQ. e o outro, certamente, como da var. *angustifolia* (GING.) BRIQ. Houve no entanto um lapso na atribuição dos espécimes pois o que possui folhas mais estreitas e espigas menores (mais curtas e mais delgadas) — P. Coutinho, Flora de Portugal (1913) p. 528 — é precisamente o de Monchique, sendo este de facto o representante da var. *angustifolia*.

As duas espécies distinguem-se com segurança por esta maneira:

- |  |                             |
|--|-----------------------------|
| Brácteas florais axilantes triangular-ovadas, mais ou menos largas, acuminadas . . . . . | <i>L. officinalis</i> CHAIX |
| Brácteas lineares, mais estreitas, até 1 mm. de largura . . . . .                        | <i>L. latifolia</i> VILL.   |

**Senecio mikanioides** OTTO ex WALP., in OTTO & DIETR., Allg. Gartenz. XIII (1845) 42 ex Ind. Kew.; BAILEY, Stand. Cycl. Hort. (1917) 3150.

*Senecio scandens* DC., Prod. VI (1837) 404, nomen illegitimum; CHODAT, Voyage d'Études Géobotaniques au Portugal (1913) 56.

*Distribuição em Portugal:* Observada nas regiões do Litoral desde o Tejo ao Minho.

*Ecologia:* Subespontânea nas margens dos cursos de água, trepando aos troncos das árvores e em sebes nos bordos dos campos de cultura.

*Floresce:* Dezembro a Fevereiro.

*Especímenes:* Coimbra: Penedo da Meditação, Janeiro 1883, J. GUIMARÃES!

Espécie originária como o Trevo azêdo da África do Sul vive em Portugal nas condições de subespontaneidade que vamos acentuar.

A primeira menção dela no nosso país cremos que é a de Chodat, l. c., ainda que exista no Herbário deste Instituto desde 1883; ultimamente pude eu mesmo assinalar a sua presença em vários pontos do país. Pelo menos entre Coimbra e Viana do Castelo ao longo do litoral a planta observa-se em muitas localidades. Particularmente nos arredores de Coimbra cresce nas sebes, junto dos quintais, próximo dos ribeiros como ao norte de Santo António dos Olivais, em grande quantidade nas margens do Mondego cobrindo as árvores como a Hera, nas povoações circunvizinhas: Tovim, Eiras, etc. Ao longo da estrada de Coimbra a Aveiro por Mealhada igualmente se encontra em vários pontos e vi-a finalmente ainda junto de Vila do Conde e Viana do Castelo. Os incultos do nosso Jardim Botânico cobrem-se em Janeiro com os seus capítulos amarelos. E se algumas vezes a sua presença é devida à cultura, noutras é porém evidente a subespontaneidade.

Não frutifica, é certo, e a sua propagação faz-se apenas por estaca, pequenos fragmentos que se soltam e são por qualquer meio dispersados, principalmente pela acção do homem, sendo esta sem dúvida a razão porque não se encontra longe dos povoados. Será assim um *clone* como outros da nossa própria flora espontânea.

Assinale-se que em Paris nem sequer floresce fora das estufas [Revue Horticole, Paris (1909) p. 406]. O nosso clima permite-lhe ir um pouco mais além mas não o bastante para a produção de sementes.

Se é certo pois que o seu poder de migração é pequeníssimo e que será sobretudo o homem que a propaga, nem por isso deve deixar de ser assinalada como uma subespontânea da nossa flora onde há dezenas de anos se instalou e vive em condições naturais.

**Galinsoga parviflora** CAV., Icones III (1794) 41, t. 281; REICHENBACH, Icones XVI (1854) 23, t. 983; FIORI & PAOLETTI, Icon. Fl. Ital., II (1899-1904) 437; NYMAN, Conspectus Florae Europaeae (1878-88) 385; MOSSERAY, Matériaux pour une flore

de Belgique in Bull. Jard. Bot. de l'État, Bruxelles, XIV (1937) 319-327, fig. 24.

**Exsiccata:** F. Schultz, herb. normale n.º 278! Herb. normale editum ab I. Dörfler n.º 3251! MECHTITZ, in Herb. Mechtitz, Breslau, 13-X-1878! Mexique-Morelia, 4-9-909, ARSÈNE!

*a* var. **genuina** THELLUNG, Ueber die in Mitteleuropa vorkommenden *Galinsoga* formen in All. Bot. Zeitschr., 21 (1915) 1-16, fide MOSSERAY, l. c., 322.

**Distribuição em Portugal:** Arredores de Coimbra e campos do Mondego até à Figueira da Foz.

**Ecologia:** Subespontânea nos campos cultivados.

**Floresce e frutifica:** Julho a Novembro.

**Especímenes:** Coimbra, Choupal, 1921, MENDONÇA! Herb. Inst. Bot. Univ. Conimbrigensis n.º 3817!

Nyman, l. c., dá a planta como ocorrendo subespontaneamente na Lusit., Angl., Dan. etc.; ocorre também segundo exame de espécímenes no Herbário deste Instituto na Itália, Áustria e Hungria.

Canavilles viu-a nos Jardins Reais de Madrid e de Paris proveniente de sementes enviadas do Peru em 1785. Desde então apareceu, além dos países já indicados, na Alemanha (1798), na Inglaterra onde foi colhida pela primeira vez em 1809, na Bélgica (1827), na Holanda (1850), na Polónia, Suíssa, Dinamarca e sul da Noruega em 1860, em França, na América do Norte (1893), na Índia (1845), em Java (1899), na Nova Zelândia (1894), na África do Sul (1912), em Angola (1931, Gossweiler n.º 9536), nas Filipinas (1928), nos Açores. A sua origem é dos Andes da América do Sul.

Os autores portugueses não a mencionaram até hoje em Portugal, particularmente o Dr. Júlio Henriques no seu «Esbôço da flora da bacia do Mondego» (1913) e o Sr. D. António Pereira Coutinho na «Flora de Portugal» (1913), embora Nyman a tivesse apontado como vivendo na Lusitânia.

Das observações feitas na Europa sôbre a sua ecologia verificou-se que tem necessidade de solos mobilizados e com uma certa humidade, parecendo que lhe é indiferente a sua qualidade química, embora com predilecção pelos terrenos nitrosos.

A sua dispersão através do mundo é essencialmente antropogénica, quer porque seja o homem a causa da sua disseminação com o comércio de sementes ou outros objectos susceptíveis de transportar consigo os aquénios, quer porque sejam as condições da vida humana que lhe criem o habitat predilecto. Os alemães denominaram-na em certas regiões do seu país «Fransozenkrant» e pensa-se que a razão do nome é a de terem sido os exércitos franceses que em 1807 provocaram a sua dispersão naqueles pontos.

Também se atribue aos transportes por via marítima a sua presença junto dos portos de Lovaina, Gand e Anvers.

A dispersão conhecida em Portugal, entre Coimbra e a Figueira da Foz, tanto pode ser explicada admitindo a sua introdução pelo pôrto da Figueira e emigração até Coimbra, como a sua vinda primeiramente para Coimbra atravez da larga troca de sementes que o Jardim Botânico realiza e a sua dispersão consecutiva pelo rio como é conhecido mais de um exemplo (os seus aquénios, com largo papilho escamoso, parecem de facto adaptados à dispersão por via fluvial), ou por qualquer outro meio.

Para a história da distribuição desta espécie na Europa podem consultar-se: JOVET (P.) et J. VERGNET, Note sur deux adventices: *Galinsoga parviflora* Cav. et *Artemisia annua* L. (Bull. Soc. Bot. Fr., 75, 1928, p. 930); MAJDECKA-ZDZIARSKA (E.) *Galinsoga parviflora* Cav. et *Galinsoga hispida* Benth. (Bull. intern. Sc. Pol. Sc. et Lettres, I, BI, 1929, p. 105); RIDLEY, The dispersal of plants throughout the world, 1930, p. 51; WILCZECK (E.), Présence d'un *Galinsoga* dans le Canton de Vaud (Bull. Soc. Vaud. des Sc. Nat. vol. 57, n.º 224, 1930, p. 115); Idem, La dissemination des *Galinsoga* (Idem, vol. 57, n.º 226, 1931, p. 223); JOVET (P.) Histoire d'une plante introduite: le *Galinsoga parviflora* Cav. (C. R. Soc. Biogéogr: n.º 64, 1931, p. 23).

**Euonymus europaeus** L. (= *Evonymus europaeus* L.), Sp. pl. I (1735) 197; SPRAGUE, The correct spelling of certain generic names in Kew Bull. 7 (1928) 294.

**Exsiccata:** Herb. analyticum de M. Buysman n.º 222! Transcaucasia centralis pagus Prijut, MICHAILOWSKY! In dumetis sepibusque prope Galindo, Somorrostro, Sopenuerta etc. in ditione las Encartaciones, 14 Majo 1850—In sepibus prope *Bilbao* et alibi in Vizcaya, Guipuzcoa, Navarra, Arragonia alta, Majo-Junio 1850—In sepibus prope Irun, Junio 1850, WILLKOMM!

*Distribuição em Portugal:* Alto Trás-os-Montes.

*Ecologia:* Espécie residual, próximo dos cursos de água.

*Floresce e frutifica:* Maio a Novembro.

*Especímenes:* Rebordãos, 6-77, M.<sup>re</sup> FERREIRA! Arredores de Bragança: Castro de Avelãs, julho 1897, MARIZ! Miranda do Douro, S. Martinho de Angueira, junto à ribeira de Angueira, 18-9-1928, TABORDA DE MORAIS! Margens do Sabor, junto a Argoselo, 21-11-932, P.<sup>dre</sup> MIRANDA LOPES!

A propósito do que sôbre esta espécie escrevi nas minhas «Notas sôbre a Flora portuguesa», Bol. Soc. Brot. XI (1936) p. 166, teve a bondade de me escrever o venerando professor e botânico eminente Sr. Ant. X. P. Coutinho, o mestre que sempre procuro seguir pela ordem, pelo método e pela disciplina de que deu exemplo no seu estudo da flora portuguesa, para me dizer que «não basta aparecer um ou outro pé, durante um ou poucos anos, para a espécie dever entrar na *Flora* do país de introdução; é preciso esperar e ver como ela se comporta de futuro. O *Evonymus*... não o colocaria na Flora de Portugal só por terem aparecido, talvez mesmo cultivados, um ou poucos exemplares em Trás-os-Montes».

O critério é excelente; simplesmente no caso presente creio que ocorrem todos os requisitos que êle exige.

Assim a distribuição no país, no tempo e no espaço, verifica-se por esta ordem de datas e disposição de locais: em 1877 e 97 encontraram-na Manoel Ferreira e Mariz o primeiro na Serra da Nogueira (Rebordãos), o segundo um pouco mais ao norte em Castro de Avelãs (as respectivas etiquetas dos

exemplares conservados neste Instituto Botânico não acrescentam quaisquer pormenores, mas, sobretudo tratando-se de herborizações botânicas, não revelam que fôsem de planta cultivada ou supeita de tal); em 1928 foi encontrada por mim em São Martinho de Angueira (um só exemplar no bordo de um prado natural nas margens da Ribeira de Angueira); em 1932 encontrou-a o Sr. Padre Miranda Lopes (eu próprio classifiquei sem dúvida alguma o seu espécimen frutificado) em local afastado das povoações, sem sinal de cultura, nas margens do Sabor (Bol. Soc. Brot., VIII, 1932-33, p. 185).

A contigüidade desta área com outras da Europa pode avaliar-se pelo que se segue.

Willkomm, «Prodromus Florae Hispanicae» III (1880) p. 478 escreveu dela: «In dumetis, nemoribus sepibusque regionis inferior et montan. Hispaniae boreal. central. et oriental. passim: in Astur., Cantab., utraque Cast., Navarra et Aragon. super., Catal.

Hab. in Europa fere omni (exc. Lusit., Hisp. australi, Scand. bor. et med.), Tauria, Caucasia, Asia min., Sibiria Uralensi».

Aquela exclusão da Lusitânia significa apenas que não viu espécimenes de Portugal que à data da elaboração da sua obra não existiam certamente.

Jacques Roi, «Les espèces eurasiatiques continentales et les espèces boréo-alpines dans la région méditerranéenne occidentale» (1937) p. 81, diz da espécie: «France: assez commun le long des cours d'eaux et dans les haies. Espagne septentrionale, centrale et occidentale: passim. Italie septentrionale: rare dans la partie méridionale. Sicile. Corse». É uma das espécies assinaladas na região mediterrânea com distribuição dominante na «Région eurosibérienne—boréo-américaine. Europe centrale; limite nord: 58° lat. Asie occidentale. Amérique septentrionale». A página 132 diz ainda o mesmo autor, pelo testemunho de Braun-Blanquet, que na Catalunha, margens do Tordera, perto de Empalme, num levantamento fitogeográfico o *Euonymus europaeus*, foi inventariado em estrato arborescente com *Alnus glutinosa*, *Cornus*

*sanguinea*, *Populus alba*, *Ulmus campestris*, *Ligustrum vulgare*, *Quercus pubescens*, *Cornus mas*, *Fraxinus (oxicarpa)* e a expansão horisontal de 90 %.

Assim, parece que devemos antes considerar esta planta na Península não como subespontânea e introduzida, mas bem como o vestígio dum mais largo domínio em espécie autóctona cuja origem remonta pelo menos ao Quaternário inferior (Braun-Blanquet, *L'origine et le développement des flores dans le Massif Central de France*, 1932, pp. 12, 14, 16 e 17) ainda hoje se encontrando com uma rara «fidelidade social» na consociação das mesmas espécies companheiras do Pliocénio inferior e do Quaternário como *Alnus glutinosa*, *Cornus sanguinea*, *Populus alba*, *Ulmus campestris*, *Ligustrum vulgare*, *Quercus pubescens*, *Fraxinus oxicarpa* (Braun-Blanquet, l. c., pp. 8, 12, 13 e 23). Em Portugal nem sequer lhe falta (Taborda de Morais in *Bol. Soc. Brot.* vol. xi, 1936, p. 166) um, entre outros, dos companheiros muito fiéis das suas associações do Quaternário—o *Buxus sempervirens* (Braun-Blanquet, l. c., pp. 12 e 16), como êle também raro entre nós e provàvelmente em via de desaparecimento no estado espontâneo (P. Coutinho, *Flora de Portugal*, p. 392).

Dos antigos Texydor y Cos, «*Flora pharmaceutica de Hespanha e Portugal*» (1871) p. 978, aponta a espécie para quási toda a Península; mas logo Moller, «*Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez*» (1882) p. 149, escreve: «Não nos consta que esta planta habite no nosso paiz, apenas a temos visto cultivada», isto a-pesar-do espécimen de M.<sup>el</sup> Ferreira citado (1877). Simplesmente êste espécimen foi primitivamente classificado como *Cornus sanguinea* L. (letra do Dr. Júlio Henriques) assim certamente devendo ter sido visto por Moller, sendo só mais tarde que lhe foi dado o seu verdadeiro nome, provàvelmente por Mariz ao estudar o seu próprio exemplar (1897), conforme o autoriza o confronto da letra nas etiquetas dos dois referidos especímenes.

**Oxalis cernua** THUNB.

Sabe-se como o «Trevo azêdo», nome vulgar desta espécie, constitue uma praga na agricultura das províncias litorais de Portugal cobrindo literalmente os terrenos siliciosos de cultura logo aos primeiros bons dias de Janeiro e mesmo de Dezembro. Tenho verificado que não suporta ou evita os solos calcáreos.

De origem sul-africana, a história da sua migração na região mediterrânea é conhecida. Aparece em Malta em 1806, na Líbia em 1824, em Gibraltar e no Cairo em 1826, na Sardenha em 1837, na Argélia antes de 1847; existia em Nápoles, Sicília, Córsega e Smirna em 1848, nas Canárias após 1840; encontra-se na Madeira e em Portugal onde a sua distribuição exacta não é conhecida, mas posso afirmar que não chega, no Portugal continental, às províncias do interior (Trás-os-Montes).

Tem sido tida, geralmente, como propagando-se apenas por bolbilhos na região mediterrânea; no nosso Laboratório acreditava-se na sua esterilidade e também no «Suplemento da Flora de Portugal» (1935) do Sr. D. António P. Coutinho assim é considerada utilizando-se mesmo êste carácter para a sua separação taxonómica. Desta forma as suas populações no país não seriam mais do que fragmentos dum verdadeiro e grande *clone*.

No ano passado porém chegando-me às mãos um artigo sôbre a frutificação regular da espécie no Norte de África (Ch. Chabrolin, Les graines de *Oxalis cernua* Thunb. en Tunisie, Bull. Soc. Hist. nat. Afr. Nord. xxv, n.º 9, 1934, p. 396) onde se punha em evidência o facto de passarem as suas cápsulas maduras facilmente despercebidas, envolvidas e excedidas como ficam pelo cálix, imediatamente tratei de chamar a atenção do pessoal do Instituto para o facto e realmente poucos dias depois, no mês de Maio, trazia-me o preparador António Cabral as primeiras cápsulas frutificadas de *Oxalis cernua*. Fizeram-se depois pelo decorrer da época observações mais extensas e sempre se encontraram os pés

de *Oxalis cernua* regularmente frutificados e provàvelmente sempre assim sucedeu entre nós.

Interessa à agricultura saber agora se estas sementes, que são extraordinariamente pequenas, germinam e gosam um papel na disseminação da espécie, em que percentagem relativamente à conservação e propagação pelos bolbilhos, ou se é apenas de temer a sua persistência e migração pelos segundos. Na primeira hipótese o agricultor há-de defender-se ceifando-a ou destruindo-a de qualquer forma antes da frutificação, tentando evitar por esta maneira sobretudo a sua propagação a distância; no segundo apenas se preocupará com a destruição dos bolbilhos procurando eliminar as plantas, em cada ano, também na melhor época.

O problema tem sido estudado na Argélia e o que lá foi investigado, quer sôbre o ciclo de desenvolvimento vegetativo, quer sôbre a maneira de o entrar, não deve andar longe do que ocorre ou seria conveniente no nosso país.

Dentro em breve esperamos dizer alguma coisa sôbre o assunto.

# AS ÁRVORES NOTÁVEIS DE PORTUGAL

## III

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS

Pinheiro de Vale de Panela

*Pinus Pinea* L.

*Localização.* Outro notável exemplar da região de Coimbra.

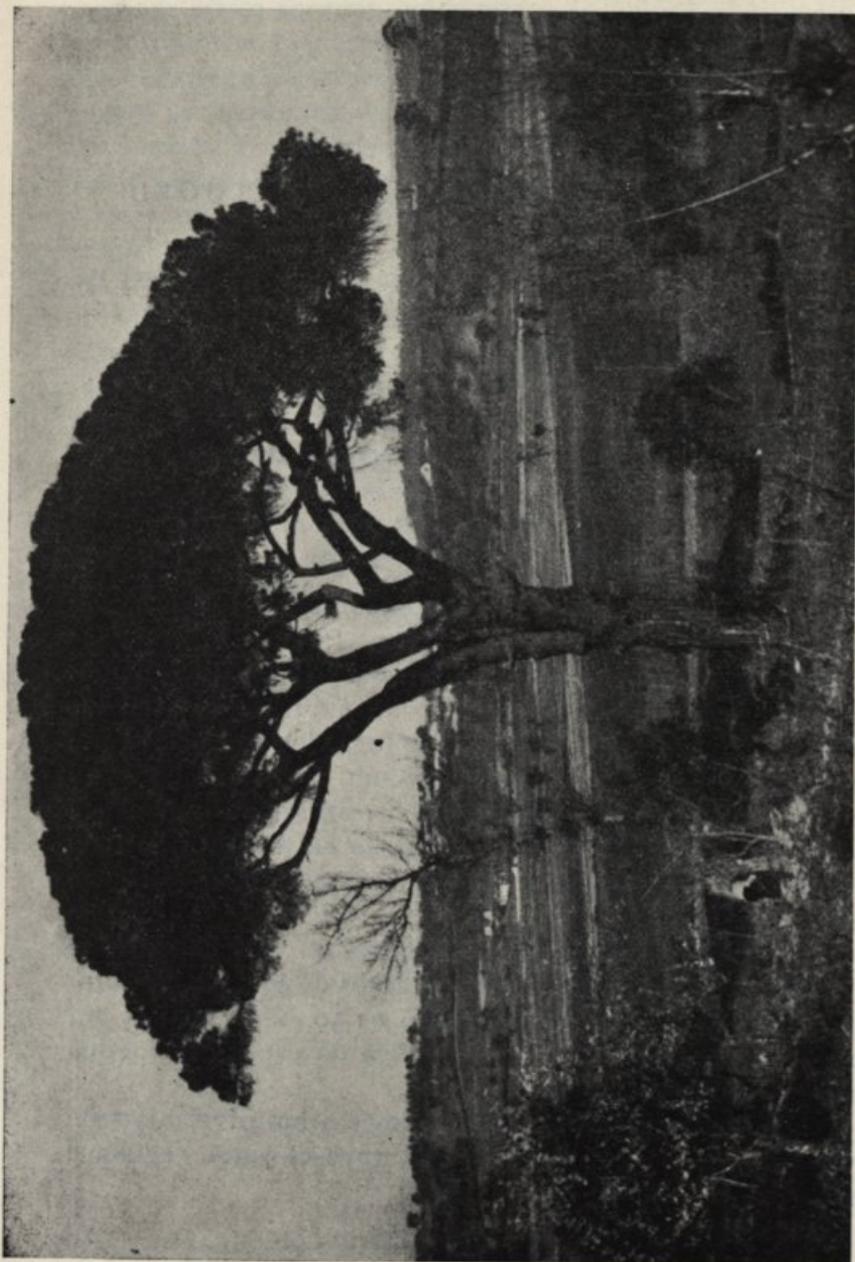
Observa-se da estrada de Coimbra a Ançã pouco tempo antes de chegar a esta localidade quando à nossa direita se nos depara a povoação da Granja que as fotografias de págs. 38 e 39 mostram no horisonte, juntamente com a própria estrada a que nos referimos, em plano inferior; atinge-se tomando a 300 m. de Ançã uma outra estrada que se dirige a S. João do Campo, a menos de meio quilómetro andado do entroncamento.

Nutrindo-se embora já dos nateiros do vale encontra-se no entanto em contacto com os calcários do jurássico médio.

*Descrição.* Perímetro do tronco a 1,50 m. do solo—5 m., altura total de 24 a 26 m.; copa típica da espécie e um dos mais belos exemplares dela.

A dicotomia do caule produzindo-se a um nível bastante elevado, permitiu a formação dum tronco elevado, regular e bem lançado.

Idade provável: 200 anos.



A. Taboria de Moraes fot. em 8 Março 1938

*Pinus Pinea* L., de Vale de Panela

Fotografado de W.-N. W.



A. Taborda de Moraes fot. em 8 Março 1938

*Pinus Pinea* L., de Vale de Panela

Tronco visto de N. W.

**Sobreiro de Santo Amaro*****Quercus Suber* L.**

*Localização.* Na rectaguarda da Capela de Santo Amaro em Tonda, povoação do concelho e não longe de Tondela, nos saibros pouco consistentes (do Quaternário?).

*Descrição.* É uma velha relíquia que a gente da localidade venera e que atesta sem dúvida uma região propícia ainda ao grande desenvolvimento desta espécie ainda que essencialmente mediterrânea.

O perímetro do tronco na parte mais estrangulada, único ponto onde se tornou possível avaliá-lo dado o seu estado de ruína, é de 4,85 m.

A copa miserável está reduzida a três ramos nascidos das pernas amputadas (consulte-se a fot. 10 da «Naturalia» feita aproximadamente do norte).

O meu querido amigo e colega Dr. A. Gonçalves da Cunha refere-se sem dúvida no lugar citado em bibliografia a este exemplar, mas chama-lhe «Carvalho Santo de S. Crisóstvão». A designação que eu aqui lhe atribuo é a que me foi comunicada em frente do exemplar pela gente da aldeia, que, querendo certamente significar assim a ancianidade da árvore várias vezes secular, lhe atribue, entre risonha e simbólica, a lenda de haver sido o berço do Santo Amaro que ali teria nascido.

**BIBLIOGRAFIA**

*Naturalia*, 1936-37, vol. I, n.º 3, p. 159, fot. 10-11.



A. Taborda de Moraes fot. em 26 Março 1938

*Quercus Suber* L., de Santo Amaro

Tronco visto de W.

### Plátano da Quinta do Espinheiro

#### *Platanus acerifolia* Willd.

*Localização.* No quintal do casa do Sr. Conde de Fijô em Celas, na sua Quinta do Espinheiro e cidade de Coimbra, à esquerda do portal de entrada sôbre os arenitos do Triásico. A fotografia de pág. 44 mostra ao fundo essa casa.

*Descrição.* Exemplar cheio de vigor apresenta a 1 m. do solo 4 m. de perímetro do tronco.

A poucos metros dêste, à direita do portão de entrada, outro exemplar, provàvelmente da mesma idade, apresenta apenas 3,60 m. de perímetro do tronco à mesma altura do solo.

A tradição familiar que o Sr. Conde teve a bondade de me referir, assevera a origem americana destas árvores, que teriam como irmãs um velho plátano que existiu ao fundo da Avenida Sá da Bandeira em Coimbra e outros que ainda vivem na quinta de Foja.

O seu exame taxonómico não mostra porém que se devam atribuir ao *Platanus occidentalis* L. originário do continente americano, mas sim ao *Platanus acerifolia* Willd, que é considerado um híbrido entre o *P. orientalis* L. e o *P. occidentalis* L. nascido no Jardim Botânico de Oxford e conhecido por «Plátano de Londres» (A. Henry e M. G. Flood, The history of the London Plane in Proceedings of the Royal Irisch Academy, vol. xxxv, sect. B, n.º 2, 1918).

Se está pois certa a origem tradicional teríamos assim importado da América o que para lá foi levado da Europa.

Atribuo-lhe a idade de, pròximamente, 150 anos pelas razões indicadas adiante.



A. Cabral fot. em 17 Abril 1936

*Platanus acerifolia* Willd., da Quinta do Espinheiro  
Fotografado de N.E.



A. Cabral fot. em 17 Abril 1936

*Platanus acerifolia* Willd., da Quinta do Espinheiro  
Tronco visto de E.

## Plátano da Fábrica de Fiação

*Platanus acerifolia* Willd.

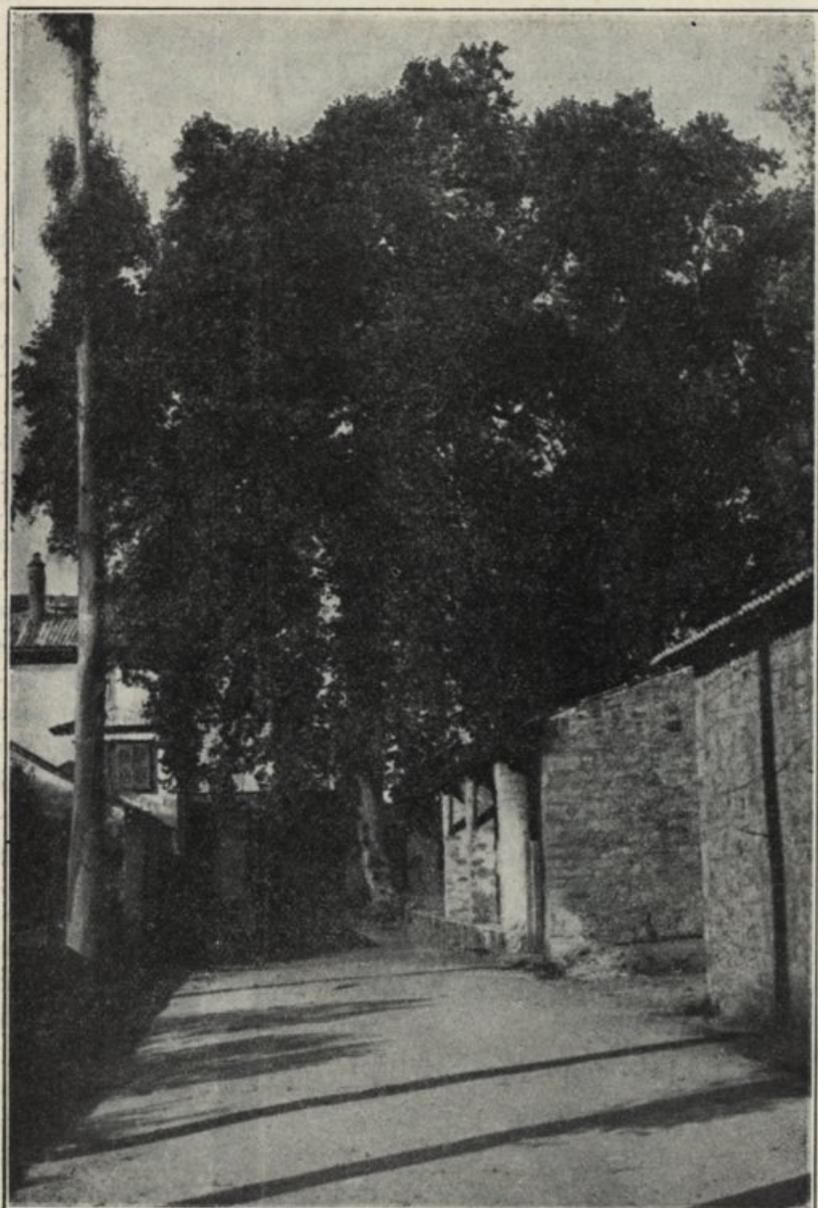
*Localização.* Intra muros da propriedade vedada em que se levantam os edificios da Fábrica de Fiação em Tomar, nos terrenos profundos da margem esquerda do rio Nabão que lhe corre a algumas centenas de metros de distância. As fotografias de págs. 46 e 47 mostram parte dêsses edificios.

*Descrição.* Tão frondoso como o anterior possui no entanto tronco mais elevado e de pouco maior diâmetro: 4,32 m. de perimetro a 1 m. do solo ou à altura do peito e 5,70 m. na base. Fazem-lhe companhia dois outros exemplares da mesma espécie colocados dum lado e outro do portão principal de entrada, tocando-se a ramaria de todos três. Sousa Pimentel, l. c. na Bibliografia, referindo-se-lhe dá a idade certa de 106 ou 108 anos em 1894 (contemporâneo da fundação da Fábrica que estava em construção em 1790?) sem especificar as razões da certeza. Assim, teria hoje 150 ou 152 anos. O que não condiz é a medida de Sousa Pimentel — 5,08 m. de perimetro a 1,20 m. do solo, com a minha, parecendo no entanto seguro que nos referimos ambos ao mesmo individuo, pelo que averigui na visita que fiz à Fábrica.

É certo que junto dêste individuo existem os outros dois a que já fizemos referência; mas além de que foi aquele que estou descrevendo o que lá na Fábrica me apresentaram como o exemplar notável e tradicional, os outros dois são ainda de menores dimensões: 3,60 m. um, 3,70 m. o outro.

Supõe-se que o *P. acerifolia* teve a sua origem por 1670 e que o exemplar vivo mais velho e de maiores dimensões, com 33,50 m. de altura e 7 m. de perimetro a 1,50 m. do solo, é o de *Palace Garden* em *Ely*, na Inglaterra, plantado entre 1674 e 1684 pelo Bispo Gunning.

Quero crer que os nossos exemplares: êste, os anteriormente descritos da Quinta do Espinheiro, o desaparecido da



A. Taborda de Merais fot. em 23 Outubro 1936

*Platanus acerifolia* Willd., da Fábrica de Fiação

Fotografado de S.-S.W.



A. Taborda de Moraes fot. em 23 Outubro 1936

*Platanus acerifolia* Willd., da Fábrica de Fiação

Tronco visto de E.

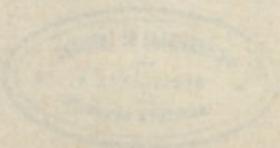


Avenida Sá da Bandeira, e os da Quinta de Foja que ainda não vimos, sejam sensivelmente da mesma idade e marquem a data da introdução desta espécie em Portugal — último quartel do século XVIII, sendo por consequência os mais velhos exemplares em Portugal.

#### BIBLIOGRAFIA

C. A. DE SOUSA PIMENTEL, *Arvores Giganteas de Portugal*, 1894, p. 22.

Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, Setembro, 1938.



ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO V

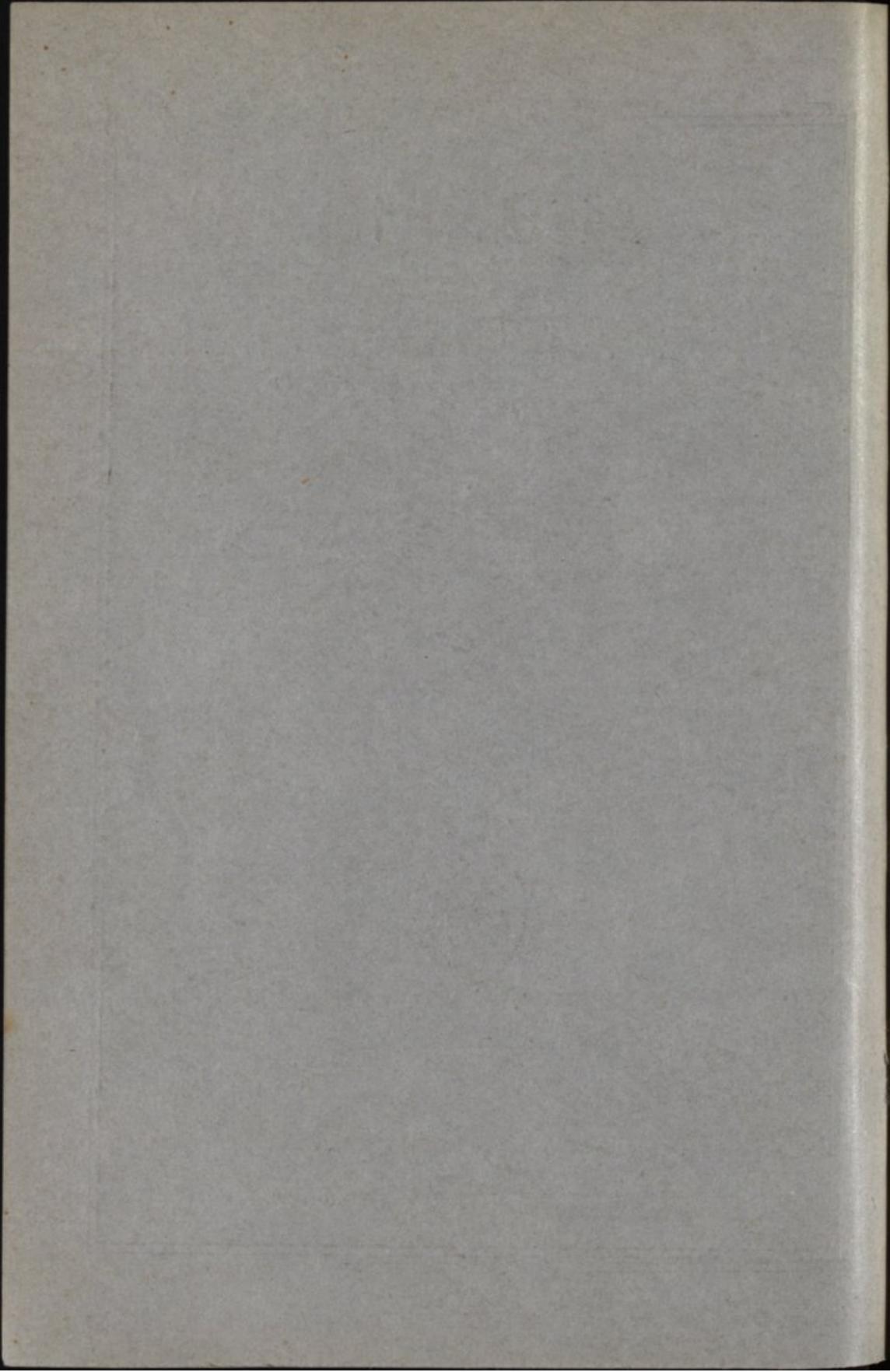
REDACTORES

DR. ABÍLIO FERNANDES  
Prof. de Botânica

F. A. MENDONÇA  
Naturalista do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



1939



ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO V

REDACTORES

DR. ABÍLIO FERNANDES

Prof. de Botânica

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



1939

# ANUÁRIO

## SOCIEDADE BROTERIANA

ANO 7

1914

Aberta a  
dante de  
a leitura do  
esse relatório  
do  
de  
que  
Profr. Dr.  
ivo, for  
nos seguintes



## SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

### ASSEMBLEIA GERAL

Reunião de 25 de Janeiro de 1939

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. A. Taborda de Moraes*

Aberta a sessão, foi concedida a palavra ao Vice-presidente da Sociedade, Dr. Abílio Fernandes, que passou a fazer a leitura do relatório da Direcção, referente ao ano de 1938. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano transacto, a Direcção esforçou-se por dar cumprimento às determinações da Assembleia Geral de 1937. Desta maneira, o seu primeiro cuidado incidiu sobre a aquisição de donativos destinados à obtenção da quantia com que a Sociedade contribuiria para a efectivação da ideia da construção, em Mossâmedes, de um monumento que perpetuasse a memória do nosso saudoso Presidente, Prof. Dr. Luiz Wittnich Carrisso. Para se atingir esse objectivo, foi enviada a todos os sócios uma circular concebida nos seguintes termos:

A Direcção da Sociedade Broteriana teve conhecimento de que os portugueses de Angola, num belo gesto de gratidão, abriram uma subscrição tendente a custear as despesas da construção, em Mossâmedes, de um monumento que perpetue a memória no nosso malgrado Presidente, Prof. Dr. Luiz Carrisso, que, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, tombou para sempre, em terras angolanas, ao serviço da Pátria e da Ciência.



Ao ter conhecimento da existência dessa subscrição, a Direcção resolveu que a Sociedade se subscreveria com uma quantia que seria fixada pela Assembleia Geral Ordinária, de acôrdo com as possibilidades financeiras do momento. Com grande mágoa, a Assembleia Geral verificou, porém, que a Sociedade, cujos recursos financeiros são exíguos, não poderia contribuir senão com uma quantia modestíssima. Em face desta dificuldade, a Assembleia deliberou que se fizesse um apêlo a todos os sócios pedindo-lhes um pequeno sacrifício tendente a tornar mais avultada a contribuição da Sociedade.

As quantias provenientes de cada sócio serão adicionadas à pequena quantia de que o tesouro da Sociedade dispõe e, dêste modo, a Direcção alimenta a esperança de que lhe será possível reunir uma soma que se harmonize com as suas aspirações.

Desta maneira, a Direcção, crente de que o prezado consócio considerará justo que a nossa Sociedade manifeste por êste meio a sua profunda gratidão pelo Homem a quem tanto deve, dirige-se a V. Ex.<sup>a</sup> rogando-lhe o favor de enviar a sua contribuição, por modesta que seja, à Direcção da Sociedade Broteriana, Instituto Botânico, Coimbra.

Êste apêlo encontrou eco no coração de quasi todos os sócios e êste facto foi registado pela Direcção com o maior desvanecimento. Graças, pois, à boa vontade dos sócios foi possível reunir a quantia de 2.269<sup>7</sup>/<sub>30</sub>.

Depois da recolha da maior parte dos donativos, a Direcção teve conhecimento da existência de um grupo de amigos e admiradores de Luiz Carrisso que se propunha levar a efeito a construção de um outro monumento no Jardim Botânico de Coimbra. Atendendo a que a quantia reunida foi relativamente avultada; a que a Sociedade Broteriana tem a mais estrita obrigação de prestar o seu concurso moral e material à ideia da perpetuação da memória de Luiz Carrisso no próprio local em que êle exerceu a sua actividade; e a que não seria justo voltar a sacrificar os sócios, a Direcção

resolveu enviar a quantia de 1.000\$00 para Mossâmedes e reservar o restante—1.269\$30—para, no momento oportuno, a Sociedade contribuir para a construção do monumento no Jardim Botânico.

Os redactores do Boletim da Sociedade Broteriana esforçaram-se por levar a bom termo a publicação do número de homenagem a Luiz Carrisso. Devido ao facto de alguns botânicos, que tinham o maior interêsse em colaborar no referido número, não terem podido enviar os originais dos seus artigos até ao fim de 1938, e devido também a que, em consequência de muitas das provas terem de ir ao estrangeiro para efeitos de revisão, os serviços tipográficos marcharam muito lentamente, tornou-se impossível fazer sair o referido número no fim do ano. A fim de dar tempo a que todos os colaboradores pudessem enviar a sua contribuição a tempo de ser inserida, foi resolvido que o número de homenagem fôsse publicado como um número duplo, correspondente aos dois anos de 1938 e 1939. Desta maneira, a Redacção espera que êle veja a luz da publicidade no fim de 1939.

Se por um lado foi consolador para a Direcção verificar que os sócios escutaram o apêlo que esta lhes dirigiu no sentido de enviarem os seus donativos para a construção do monumento à memória de Luiz Carrisso, foi, por outro lado, extremamente doloroso para ela verificar que a actividade científica dos sócios foi nula ou quasi durante o ano transacto. A Direcção, esperançada em que os sócios saiam da apatia em que têm permanecido, vem mais uma vez rogar a todos que iniciem as suas herborizações, de modo a permitirem que a Sociedade satisfaça aos objectivos para que foi criada.»

Aprovado o relatório, o Vice-presidente, na ausência do Secretário-tesoureiro, apresentou as contas que foram aprovadas e que acusaram, em 31 de Dezembro de 1938, um saldo de 583<sup>70</sup>co.

A Assembleia resolveu reconduzir os dois vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. Aloísio Fernandes Costa e Virgílio da Rocha Diniz. Resolveu mais, à semelhança do que se fez nos anos anteriores, manter em 1<sup>70</sup>co a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1939, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

## DIRECÇÃO

Reunião de 25 de Janeiro de 1939

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. J. Custódio de Morais*

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do Boletim, das Memórias e do Anuário;
- b) Intensificar a propaganda da Sociedade e exortar os sócios a realizar trabalhos de herborização.

Inclua-se na lista dos sócios honorários, publicada no número anterior, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Artur Ricardo Jorge, Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Director do Museu Bocage.

Temos também o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

### NOVOS SÓCIOS

Abílio Monteiro, Farmacêutico-químico analista, Canas de Senhorim.

António Jorge de Andrade Gouveia, Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Augusto Sanches Barjona de Freitas, Director da Circunscrição Florestal do Centro.

Caetano Francisco Xavier Gracias, Médico, Loutulim, Índia Portuguesa.

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.

José Ramalho Viegas, Prof. do Ensino Secundário, Lisboa.

José Valente, Sant'Ana, Ilha da Madeira.

Mário Alberto Basto Folque, Regente florestal, Lousã.

#### D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO

Datam de 1912 as cordiais relações que mantive com PEREIRA COUTINHO. Matriculara-me nesse ano na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que a República instituíra no ano anterior. A jovem Faculdade de Ciências era ainda, de facto, a *Escola Politécnica*, em cuja tradição se moldavam o espírito e a acção da comunidade académica. A feição psicológica do ciclo que desapercibidamente se encerrava era, passe o simile, a simbiose do espírito aristocrático ancestral da Escola, com o espírito democrático do ambiente social. Como resultante desta consociação, dominava na academia uma espécie de liberalismo *sui generis*, de independência desafectada, característica dos *politécnicos* olissiponenses. O corpo docente, do qual haviam feito ou faziam parte homens do relêvo de BARBOSA DU BOCCAGE, Conde de FICALHO, PEREIRA COUTINHO (cito apenas a secção biológica), era tratado, pelo discente, de Senhor fulano, Senhor cicrano, e a acessibilidade do mestre pelo discípulo era na verdade ampla.

Foi neste climax universitário que, como aluno, e por circunstâncias de acaso aluno único do curso, entrei no convívio do Mestre insigne, então na plenitude da maturidade e acume da sua frutuosa produção científica.

A FLORA DE PORTUGAL saíra a público em 1913, e a mim coube, no ano seguinte, a sua estreia e experiência do seu rendimento como manual destinado aos alunos do curso de Botânica Especial. O autor seguia atentamente e com visível satisfação a eficiência da sua obra, laboriosa e pacientemente



Antonio David Pereira Coutinho



preparada durante largos anos. Conservo grata lembrança dêste período de labor escolar, que exerceu influência decisiva na minha formação mental. É, pois, em religioso recolhimento que alevanto o meu espírito, numa evocação longínqua, ao tentar escrever algumas palavras destinadas a acompanharem o retrato que a Sociedade Broteriana dá a público no seu Anuário, para homenagear a memória de um dos seus mais operosos sócios fundadores. É meu intuito que estas palavras sejam sóbrias e traduzam apenas algumas facetas do meu conceito acerca do Homem e do seu meio.

D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO, fidalgo de linhagem, herdeiro das virtudes cívicas de 20 gerações de avoengos, era uma nobre figura de português à maneira antiga. A atitude hierática e serenidade imperturbável, a simplicidade e delicadeza do trato, a probidade estrutural e bondade innata faziam-no respeitado e credor de franca simpatia. A minha geração académica, eivada de irreverência acerada, referia-se ao Professor PEREIRA COUTINHO sempre com o tratamento de o Senhor D. ANTÓNIO, ou mesmo, mais simplesmente, o D. ANTÓNIO, tratamento que era um prodígio cerimonioso.

O rigor do método era característico em PEREIRA COUTINHO. Invariavelmente, à mesma hora, o Senhor D. ANTÓNIO apeava-se ao portão ocidental da Escola e seguia directamente para o Jardim, onde, além das questões de direcção, o chamava mais a curiosidade que o interêsse científico imediato, pois não gostava de classificar as plantas vivas e somente o fazia depois de sêcas e preparadas para herbário. Depois de observar o regular andamento dos serviços do Jardim, ia para o Herbário, onde trabalhava por algum tempo antes da aula, observando e seleccionando os materiais das colecções recebidas, etiquetando espécimes estudados ou escolhendo os exemplares que seriam objecto dos seus estudos, realizados sempre no sossêgo imperturbável do seu gabinete e tranqüillidade patriarcal da sua casa da Travessa das Mercês.

À hora pendular da aula, saía do Herbário e, com uma regularidade ritual, fazia o mesmo giro ao longo do

corredor. Abria a porta e convidava a entrar. Era hora e meia agradável e tonificante que se ia passar no Laboratório. A propriedade e leveza atraentes da explicação sempre breve, a exemplificação plenamente demonstrativa e a maneira discreta como ensinava a *ver* e orientava o discípulo no caminho da descoberta aliciavam, prendiam a atenção e despertavam crescente interesse. A clareza com que explicava uma dúvida que se puzesse era igual à franqueza com que declarava: *não sei, não me ocupo disso*; se o assunto não estava no âmbito da sua especialidade ou no das suas investigações.

Os estudos botânicos de PEREIRA COUTINHO tiveram em regra um motivo de ordem prática e uma finalidade objectiva. Professor de Silvicultura do Instituto Agrícola, teve necessidade de ensinar a conhecer as essências da flora nacional. Para atingir esse objectivo, estudou profundamente o assunto e escreveu o seu CURSO DE SILVICULTURA, cuja segunda parte, *ESBÔÇO DE UMA FLORA LENHOSA PORTUGUESA*, se tornou clássica e foi há poucos anos reeditada para servir as necessidades do ensino. Professor de Botânica, estudou metódica e infatigavelmente a flora do país, sem se distrair da sua finalidade até à publicação da *FLORA DE PORTUGAL*, para uso dos estudantes e dos estudiosos. O triunfo deste difícil empreendimento é claramente atestado pelo êxito da obra, da qual acaba de ser publicada a segunda edição.

As dificuldades do estudo da flora de Portugal eram então, e são ainda, de grande monta. Não existiam herbários e as determinações eram feitas *ex descriptio*, com tôdas as causas de erro de que enferma o método. O único caminho praticável era pôr de parte, numa primeira fase, a questão do rigor nomenclatural e atacar a fundo o conhecimento das formas, descrevê-las e sistematizá-las com a maior exactidão possível, deixando, para fase ulterior, os problemas que só têm solução com o estudo crítico em face dos tipos.

Nos moldes em que foi concebida, a *FLORA DE PORTUGAL* é, à parte certas questões de nomenclatura que não podiam ser resolvidas com os meios de que o autor dispunha, um modelo de correcção que difficilmente se poderá igualar.

A bibliografia coutinhiana é assás vasta (vidè *Bol. Soc. Brot.*, vol. XIV, 2.<sup>a</sup> série) e tem como características fundamentais a solidez doutrinária, a propriedade da terminologia, a clareza e a sobriedade literárias. É verdadeiramente notável que estas invulgares qualidades do autor se mantiveram, em nível constante, através de uma longa existência de labor intelectual, até ao último momento da vida, longa de 87 anos.

Durante muito tempo, as colheitas de materiais da nossa flora foram efectuadas por colectores de cultura elementar que percorriam determinadas áreas do país e colhiam tudo o que encontravam em estado de floração, constituindo volumosos herbários. Afirmava-se mesmo que a flora continental estava explorada. Que assim não era, e que assim não é, prova-o PEREIRA COUTINHO com as suas numerosas e notáveis descobertas florísticas, numa área restrita, por assim dizer em *volta do campanário da sua aldeia*, na visitadíssima região de Cascais e Estoris e na Quinta do seu solar da Ribeira de Caparide. Mostra também êste facto que o botânico PEREIRA COUTINHO era, ao contrário do que se poderia supor, observador tão arguto e prespicaz no campo como no gabinete.

Atingido o limite de idade de funções públicas, D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO retirou-se para o seu solar, na Quinta da Ribeira de Caparide. Aí, ao mesmo tempo que dirigia a sua casa agrícola, cuidando com desvanecido enlêvo do seu magnífico pomar de citrinos, continuava com o ritmo de sempre as suas investigações científicas. Recebia as visitas dos amigos, dos botânicos estrangeiros e dos antigos discípulos com transparente alegria e não raro os convidava a dar um passeio pelo seu laranjal em flor, durante o qual deixava sempre denunciar-se o seu amor e a sua ternura pelas coisas da natureza.

Era um grande prazer espiritual uma visita à Quinta da Ribeira de Caparide!...

Coimbra, Dezembro de 1939.

F. A. MENDONÇA.

## DOUTOR JOAQUIM JOSÉ DE BARROS

1882-1938

A 15 de Junho de 1938 finou-se o Dr. JOAQUIM JOSÉ DE BARROS, sócio honorário da Sociedade Broteriana e assistente de Botânica na Universidade de Lisboa.

O Dr. JOAQUIM JOSÉ DE BARROS, filho de ANTÓNIO DE BARROS, nasceu em Paço de Arcos em 18 de Setembro de 1882. Sendo filho de pessoas pouco abastadas, muito cedo foi arrastado no torvelinho da luta pela vida, a tal ponto que, aos 14 anos, exercia já o ensino particular do qual auferia alguns proventos. Em 1901, terminou o curso da Escola Prática de Telegrafia e, no ano seguinte, entrou, como aspirante auxiliar, para o quadro da Administração Geral dos Correios e Telégrafos. Ao mesmo tempo que exercia êsse lugar, BARROS procurou aperfeiçoar os seus conhecimentos e, assim, em 1903 concluiu o curso da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio, em 1906 o de «Electrical Engineer Institut of Correspondence Institution of London» e em 1908 o de Electrotecnicia do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Paralelamente, foi sendo promovido no quadro geral da Administração dos Correios e Telégrafos para os lugares de Segundo aspirante (1905), Primeiro aspirante (1909), Segundo oficial (1914), Primeiro oficial inspector (1914) e Chefe do Laboratório Electrotécnico (1919-1921).

Por volta de 1900, BARROS teve como professor o Sr. JOÃO PERESTRELO que exerceu sôbre êle uma grande influência fazendo despertar no seu espírito o culto das Ciências Naturais. Ê, pois, na cultura das Ciências da Natureza que BARROS procura em grande parte as suas satisfações espirituais e foi



Doutor JOAQUIM JOSÉ DE BARROS



certamente esta paixão que o levou a frequentar, em 1909, o curso de Bacteriologia e Parasitologia do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana e a matricular-se, por volta de 1911, na Secção de Ciências Histórico-Naturais da Faculdade de Ciências de Lisboa. No entanto, só concluiu a licenciatura bastante mais tarde, em 1923, provavelmente devido ao facto de o exercício dos seus diversos cargos — funcionário da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, Auxiliar do ensino da 7.<sup>a</sup> e 20.<sup>a</sup> cadeiras (Botânica, Zoologia, Higiene e Mercadorias) do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa (1908-1913), Conservador do Museu Comercial de Lisboa (1913-1928) e Professor do ensino secundário particular — lhe não deixar tempo livre suficiente para fazer a sua preparação.

Concluída a licenciatura aos 41 anos, BARROS entrou como assistente de Botânica e foi nesse momento que começou propriamente a sua carreira como botânico. Graças principalmente aos incitamentos de LUIZ CARRISSO, BARROS foi atraído para o estudo da Sociologia Vegetal e, em 1928, publicou a sua tese de doutoramento subordinada ao título «Sociologia Botânica» (Métodos de investigação florística). Desta dissertação foram argüentes os Professores LUIZ CARRISSO e TELLES PALHINHA e após a sua defeza, levada a efeito em 23 de Março de 1934, BARROS obteve o grau de Doutor em Ciências Biológicas.

Neste trabalho esforça-se BARROS por dar ao leitor português uma ideia pormenorizada do estado presente da Sociologia Botânica, ao mesmo tempo que exemplifica alguns casos particulares com elementos colhidos do estudo de algumas associações vegetais do nosso País.

Publicada a Sociologia Botânica, o espírito irrequieto de BARROS, sempre ávido de novos conhecimentos, leva-o para a Fitoserologia, jovem ramo da Botânica Sistemática que ensaiava os seus primeiros passos. Com o objectivo de se especializar nas técnicas dessa nova Ciência, solicitou uma bolsa de estudo da antiga Junta de Educação Nacional que, uma vez concedida, lhe permitiu fazer um estágio, durante os anos de 1929 a 1933, nos Laboratórios anexos ao

Jardim e Museu Botânico da Universidade de Berlim, sob a direcção dos Profs. ERNEST GILG e P. N. SCHÜRHOFF.

Regressando a Portugal, publicou, em 1936, nos «Arquivos da Universidade de Lisboa», o resultado das investigações realizadas em Berlim sob o título «Investigações Fitosero-lógicas».

Além dos trabalhos referidos, BARROS publicou ainda:

*Serras de Portugal* (1.ª nota), Arq. da Universidade de Lisboa, 1936;

*Serras de Portugal* (2.ª nota), idem, 1936;

*Ensaio de uma classificação das Ciências Botânicas para fins biblioteconómicos*, idem, 1936.

BARROS deixou ainda vários trabalhos inéditos sobre a vegetação das Berlengas e Farilhões, fitogeografia dos arredores de Lisboa, inventário sociológico de algumas associações notáveis de Portugal, plantas medicinais portuguesas, etc.

Além de botânico, BARROS dedicou-se também ao estudo da Química e da Matemática. No campo da química, é digna de registo a descoberta por êle realizada da síntese do ácido esteárico pelo método da hidrogenação catalítica; no da matemática, ocupou-se do cálculo das probabilidades aplicado aos jogos de azar, assunto sobre o qual publicou: *Tratado dos jogos de azar* (3 volumes), *A matemática e o jogo* e *O azar e as suas leis*.

A Sociedade Broteriana, últimamente tão rudemente atingida, regista com a maior mágoa o desaparecimento das suas fileiras do colaborador valioso que era o Dr. JOAQUIM JOSÉ DE BARROS, ao mesmo tempo que apresenta à sua Ex.<sup>ma</sup> Família a expressão das suas sentidas condolências.

A. FERNANDES.

## AS ÁRVORES NOTÁVEIS DE PORTUGAL

### IV

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS

É esta a nossa quarta nota sôbre as velhas árvores de Portugal e é-nos grato verificar com ela o interesse que às estações oficiais mereceu o assunto nos últimos tempos. Tinha já o País legislação que as protegia; mas foi sobretudo nos meses decorridos após a publicação do Decreto-lei n.º 28:468, de 15 de Fevereiro de 1938 que o cuidado pelo seu inventário e classificação se manifestou, sendo de justiça salientar neste ponto a atenção muito particular das Direcções Gerais dos Serviços Florestais e Aquícolas e da Fazenda Pública. Pela primeira, e muito bem, foi mandado assinalar os espécimens classificados e reconhecidos no *Diário do Governo* com as iniciais I. P. (interesse público).

Não devemos porém ver no caso das árvores notáveis mais do que um aspecto particular de problema de outra ordem de complexidade: o da protecção à Natureza no sentido mais amplo. Falou-se dêle em tôda a extensão, e, oficialmente, creio que pela primeira vez entre nós, no relatório que acompanha a Lei n.º 1:971, de 15 de Junho de 1938 que delineou o «Plano de Povoamento Florestal» e onde se estabelece a criação de alguns «Parques» ou simples «Reservas» nos pontos mais pitorescos do País, as serras de Montezinho (5.000 ha), Larouco (5.000 ha), Alturas (2.000 ha), Ge-rez (5.000 ha), provavelmente Peneda (5.000 ha) Arga (5.000 ha) e Leomil (5.000 ha), Montemuro (1.000 ha), Estrêla (2.000

ha), S. Pedro do Açôr (2.000 ha) e Lousã (1.000 ha). No total: 38.000 ha.

Ora quere-nos parecer que tudo: «Árvores notáveis», «Parques», «Reservas integrais» de qualquer extensão ou natureza, devia ficar na dependência duma entidade única com capacidade científica e orçamento próprio, capaz de convenientemente orientar não só o estabelecimento das reservas como a sua devida utilização científica e turística quando fôsse caso disso. Porque não se há de esquecer que a reserva — Parque ou seja o que fôr — nada vale só pelo facto de existir, e também que a sua utilização científica se deve fazer desde a primeira hora, com risco de se perderem, no caso contrário, factos e observações que se não repetem.

Mas acentuemos igualmente que sendo o assunto de ordem naturalística como tal deve ser olhado e por êsse espírito orientado, sendo embora certo que tem indubitável alcance prático o labor nesse sentido. Mas aquele há de ser uma consequência mediata que se torne legítimo esperar e não um fim imediato, para que tudo se deva dirigir.

Entretanto vamos fazendo o inventário das velhas árvores portuguesas, não só testemunhas patéticas de antanho e motivo de grata emoção, mas tradução material e registo legível de condições climáticas passadas — o único aparelho registador das épocas que precederam os nossos observatórios e os suprem nalguma medida. Pelas *Sequoias* centenárias de quarenta ou cinqüenta séculos, quasi imorredouros seres do mundo vivo, contemporâneos, muitos dos actuais, das civilizações históricas mais antigas, e que terão atravessado mesmo a existência da Humanidade inteira através de meia centena de gerações, puderam os americanos fazer a visão retrospectiva da sucessão de condições climáticas num longínquo passado e datar factos históricos para os quais nenhuma outra cronologia era possível.

Não possuímos nós em Portugal possibilidades de atingir tão recuadas épocas e não sei mesmo se poderemos aproximar-nos do milénio através dos nossos carvalhos robles e castanheiros, ainda que atingindo essa idade, por se encontrarem sempre ou quasi sempre carcomidos; o que é preciso

no entanto é valer a êsses anciões e não permitir que casos como o do «Castanheiro de Alcongosta» que foi abatido nestes últimos anos, segundo me informam, se repitam. Era talvez a nossa árvore mais famosa e certamente das mais antigas. Nem uma secção sua ficou num museu!

E seja-me permitido no fecho destas breves palavras assinalar o nome do Dr. JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR, meu amigo e meu colega da Universidade do Pôrto, que não mais, de há um ano a esta parte, esqueceu as velhas árvores de que falámos e algumas vimos durante uma encantadora e frutuosa excursão botânica em Trás-os-Montes nos princípios de Outubro de 1938, enviando-me desde então, neste capítulo, informações várias que o seu espírito de múltiplas curiosidades não enjeita, fotografias que a sua objectiva recolhe e até, outras vezes, desenhos do seu próprio lápis. Quisera bem ter entre os sócios da Sociedade Broteriana mais exemplos como o seu, e que deles recebesse notícias que doutra forma não é possível recolher.

Ainda assim não devo esquecer dêsses alguns nomes. Primeiro o de D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO, figura excelsa entre os botânicos portugueses, verdadeiramente o meu primeiro e, estou em dizer, quasi único guia na florística, que a morte já tem consigo, e ainda nos últimos tempos de vida me falou dum velho cipreste tombado na sua Quinta da Ribeira de Caparide, ao qual as poucas fôrças já não permitiram que datasse.

E porque lembro tão alto espírito não quero que passe o momento sem deixar de homenagear a sua memória com todo o meu fervor de discípulo que não foi seu aluno e nem sequer teve a dita de conhecer em pessoa. Aqui hei-de por isso deixar exarada a minha infinita admiração pela sua figura moral, pelo seu espírito de probo, austero e incansável investigador.

Com que admirável talento de exposição e brilhantíssimas qualidades didácticas-êlé foi, durante, pelo menos, três dezenas de anos, o mestre e autor consagrado da botânica elementar em Portugal; com que cuidado e modelar organização de trabalho foi também, e melhor do que isso, através

de mais de seis dezenas de anos, o estudioso da botânica portuguesa, desde as suas incipientes excursões em Trás-os-Montes à redacção primorosa da *Flora de Portugal* que deixou em 2.ª edição, monumento imorredouro do seu nome, testemunho eloquente da grandeza do seu espírito, prova inabalável do seu equilibrado critério!

Por tudo, e pelas consoladoras palavras que nos últimos meses de vida me escreveu de quasi enternecida e sem dúvida benévola admiração pelos meus primeiros e imprecisos trabalhos de botânica, palavras que me são tanto mais caras quanto foi êle, numa geração notável, o último mestre, de entre os floristas portugueses contemporâneos desaparecidos com quem contactei, que ainda pôde, e por essa circunstância, deixar-me tão encorajante estímulo na aridez dêste hiato brutal que a febril actividade da Morte abriu entre os que desapareceram tumultuosa e apressadamente, seguindo-se pertinho uns dos outros—J. HENRIQUES, CARRISSO, SAMPAIO, COUTINHO—e os que hão de vir mas que o tempo e a vida atardaram estúpida-mente; por tudo lhe dirijo a enternecedora saúde que o agrume desta idea está tornando mais maguada e triste, quasi pungente!

O Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, Sr. Dr. ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO enviou notícia dum carvalho centenário junto ao edificio da Câmara Municipal de Mangualde que ainda não pude visitar e o Sr. Dr. MÁRIO C. MORA, professor do Liceu D. João III em Coimbra, igualmente me referiu umas velhas árvores em Pombal que procurarei ver.

Transcrevemos a seguir a parte que interessa do Decreto n.º 28:468, e uma circular da Direcção Geral da Fazenda Pública, entre outras do mesmo teor, a qual revela bem o carinho que ao Director daquela Repartição merece o assunto.

\*  
\*   \*  
\*

«Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director Geral do Ensino Primário

Nos termos do Decreto-lei n.º 28:468, de 15 de Fevereiro de 1938, foi classificado de «interêsse público» um

freixo existente na vila de Trancoso, conhecido vulgarmente naquela localidade por «Freixo Grande», e pertencente à respectiva Câmara Municipal, pelo que tenho a honra de solicitar de V. Ex.<sup>a</sup> que se digne informar de conformidade os professores do ensino primário daquela vila e recomendar-lhes que instruam os seus alunos no respeito por esta árvore. A bem da Nação. Direcção Geral da Fazenda Pública, (Repartição do Património) em 23 de Outubro de 1939. — O Director Geral, (a) A. LUIZ GOMES.»

\* \* \*

### Decreto-lei n.º 28:468, de 15 de Fevereiro de 1938

«Artigo 1.º O arranjo, incluindo o corte e a derrama das árvores em jardins, parques, matas ou manchas de arvoredo existentes nas zonas de protecção de monumentos nacionais, edificios de interesse público ou edificios do Estado de reconhecido valor architectónico, definidas nos termos do decreto com fôrça de lei n.º 20:985, de 7 de Março de 1932, e no decreto n.º 21:875, de 18 de Novembro de 1932, respectivamente, fica sujeito a autorização prévia da Direcção Geral da Fazenda Pública, ouvidas as indicações de ordem técnica das Direcções Gerais dos Edifícios e Monumentos Nacionais e dos Serviços Florestais e Aqúícolas e parecer da Junta Nacional de Educação (6.ª secção).

§ único. Consideram-se abrangidos, para todos os efeitos, pelo disposto neste artigo os exemplares isolados de espécies vegetais que, pelo seu porte, pelo seu desenho, pela sua idade ou raridade, a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqúícolas classifique de interesse público.»

## Pinheiro da Covilhã

### *Pinus Pinea* L.

*Localização.* Na «Quinta do Pinheiro» e arredores da Covilhã a sudeste da cidade, sobre os granitos, à altitude de aproximadamente 650 m. e na bifurcação das duas estradas que à saída da cidade se dirigem a do norte para a estação do Caminho de Ferro e a do sul para o Fundão. No horizonte, em último plano, a 8 quilómetros ao sudeste, desenha-se o perfil da serra de S. Cornélio, linha divisória entre as águas da ribeira de Meimôa ao sul e as do trôço do rio Zézere que se situa entre o Pinheiro e a Serra.

*Descrição.* «Um dos maiores pinheiros mansos que hoje existe no reino» disse SOUSA PIMENTEL. Dos maiores podemos continuar a escrever, e um dos mais notáveis do mundo, juntaremos, pois as suas dimensões andam pelos limites máximos registados para esta espécie; possui actualmente de circunferência do tronco à altura do peito 5,75 m. <sup>(1)</sup>.

Em 1907 SILVA TAVARES (*Brotéria*, 1906, p. 75) publicou as seguintes medições: altura total (avaliada com o teodolito) 31,25 m., altura do tronco 14,50 m., circunferência na base do tronco 5,36 m. E acrescentava: «A copa... maior era antes de lhe tirarem, ainda há poucos anos, 14 carradas de lenha». SOUSA PIMENTEL calculou-lhe (*Os nossos Pinheiros*, 1910, p. 40) o volume do tronco em 32 m<sup>3</sup>.

O fuste, quasi cilíndrico, elevadíssimo, em perfeito estado de conservação é uma colunata grandiosa que nos subjugua pelas suas dimensões, sobretudo quando dela nos aproximamos. É a parte mais bela da árvore. A copa, não tão declinada como soe ver-se nesta espécie, é mais bela, por mais regular, na fotografia do que na própria árvore, ainda que aí mesmo a supressão das partes amputadas lhe

---

<sup>(1)</sup> Determinação efectuada neste ano e obsequiosamente comunicada pelo chefe da 2.<sup>a</sup> Circunscrição Florestal e meu presado amigo Sr. Engenheiro A. BARJONA DE FREITAS.



A. Taborda de Moraes fot. em 10 Junho 1939

*Pinus Pinea* L., da Covilhã  
Fotografado de N. W.

tenha aumentado a simetria e harmonia. «Vê-se de muito longe, mas só perto se lhe podem admirar a grandeza, o porte magestoso e o bem proporcionado das dimensões» disse o P.<sup>dre</sup> SILVA TAVARES, *l. c.*, p. 75.

Segundo as dimensões fornecidas por SILVA TAVARES calculámos-lhe a idade para aquela data em 230 a 240 anos (*Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 45). Aquêlê autor escreveu: «Ha ainda quem se lembre de ter ouvido contar a uma pessoa muito edosa que no tempo da guerra dos francezes parecia ter já o tamanho que hoje se lhe vê».

A tradição não desdiz do cânon!

Não possuo, além da do perímetro do tronco na base, dimensões actuais de confiança para comparar com as de SILVA TAVARES; desta forma não é possível fazer qualquer dedução sôbre o crescimento recente da árvore nos últimos 30 ou 40 anos, ainda que possamos assegurar que não deve ter sido sensível à vista, pois o indivíduo se encontra muito dentro daquêlê período da vida em que o crescimento se torna extraordinariamente lento, qualquer coisa como menos de 0,6 mm. por ano no diâmetro do tronco (*Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 37)! E até, sabendo-se que o *Pinus Pinea* entra em declínio de crescimento dos 100 aos 140 anos (*Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 39), isso nos explica que êste pudesse aparentar as dimensões actuais «no tempo da guerra dos francezes», um século antes.

O que podemos asseverar no entanto é que o seu aspecto hoje é o de há dezenas de anos tal como no-lo mostram a fotografia de SILVA TAVARES e a minha feitas ambas na mesma direcção e sentido, quási se podendo sobrepor uma à outra. Apenas a de SILVA TAVARES executada a menor distância, talvez com uma grande angular, portanto mais de baixo e em óptimas condições de luz lhe dá aspecto de maior grandeza no fuste, delinea e separa melhor a ramificação.

A sua idade actual deve estar compreendida entre 250 a 300 anos.

Foi considerado de interêsse público (I. P.) por declaração publicada no *Diário do Govêrno*, II série, n.º 167, de 22 de Maio de 1939.

BIBLIOGRAFIA

- SILVA TAVARES, *Árvores gigantescas da Beira III in Broteria*, série de vulgarização científica, vol. VI, fasc. I-III, 1907, p. 75.
- *O Pinheiro da Covilhã*, idem, vol. XIII, fasc. III, 1915, p. 153, c. icon. na capa.
- SOUSA PIMENTEL, *Os nossos Pinheiros*, 1910, p. 39-40 c. fot. (reproduzida de SILVA TAVARES) na capa e a p. 40.
- ALBERTO VELLOZO DE ARAUJO, *Em defesa e propaganda da Arvore*, 1913, p. 24, c. icon. (reproduzidos de SILVA TAVARES).
- A. TABORDA DE MORAIS, *As árvores notáveis de Portugal in Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 45.
- ELWES and HENRY, *The Tree of Great Britain & Ireland V*, pl. 291, p. 1121.

## Pinheiro de Bobadela

### *Pinus Pinaster* Ait.

*Localização.* Não longe de Oliveira do Hospital, a 400 m. da povoação de Bobadela que se vê na fotografia e próximo da estrada que daqui se dirige a Oliveirinha da Beira e igualmente se nota na gravura, sobre os granitos, a, aproximadamente, 350 m. de altitude.

*Descrição.* Deve ser um dos mais formosos exemplares da espécie pelo porte e diâmetro do tronco que não pela altura total, muito sobrepujada esta em outros exemplares conhecidos da mata de Leiria, por exemplo, e até pelo que adiante se descreve (1).

Segundo as medições que amavelmente me foram comunicadas pelo Sr. Engenheiro A. BARJONA DE FREITAS que igualmente me permitiu a reprodução da fotografia junta, a qual em grande ampliação adorna o seu gabinete na 2.ª Circunscrição dos Serviços Florestais, possui as seguintes dimensões:

Altura total . . . . .	24,00 m.
» do fuste . . . . .	14,00 »
Largura da copa. . . . .	20,00 »
Perímetro do tronco à altura do peito . . . . .	4,54 »
Diâmetro à mesma altura . . . . .	1,44 »

A sua idade deverá ultrapassar 200 anos.

Foi declarado de interesse público no *Diário do Governo*, II série, n.º 117, de 22 de Maio de 1939.

---

(1) ELWES and HENRY, *The Tree of Great Britain & Ireland* V, p. 1116, mencionam um exemplar perto do Porto com 30,50 m. de altura total, outro do Pinhal de Leiria que, em 1843, apresentava 39 m. de altura total com 4,48 m. de perímetro do tronco e dois exemplares ainda na Alvinha com 40 m. de altura por 3 de perímetro do tronco e 38 m. de altura por 4,20 m. de perímetro do tronco.



Reg. florestal M. C. Pericão fot. em 1939

*Pinus Pinaster* Ait., de Bobadela

## Pinheiro de Foja

### *Pinus Pinaster* Ait.

*Localização.* Na Mata Nacional de Foja, a poucos quilómetros de Montemor-o-Velho, junto da estrada que corta a mata e vai desde a Casa do guarda ao portão da Quinta de Foja. O terreno é pliocénico à superfície, arenoso, mas possivelmente de natureza diversa no sub-solo, húmido. À volta, nos domínios da Quinta de Foja, cultivava-se largamente o arroz.

*Descrição.* O hábito é perfeitamente o do indivíduo anteriormente descrito e característico de espécie ou variedade: um tronco elevado coroado por uma copa assimétrica e irregular, cujo eixo vertical se tornou nitidamente oblíquo, com ramificação pouco abundante e pouco densa. As suas dimensões, tais como mas forneceu o Sr. Engenheiro BARJONA DE FREITAS, são:

Altura total . . . . .	29,00 m.
> do fuste . . . . .	18,80 >
Largura da copa . . . . .	16,00 >
Perímetro do tronco a 1,30 m. do solo . . .	3,14 >
Diâmetro à mesma altura . . . . .	1,00 >
> do colo da raiz . . . . .	1,15 >
> ao meio do fuste . . . . .	0,80 >
Cubo do fuste aproveitável para madeira .	9,45 m <sup>3</sup> .

O distinto regente agrícola e seu velho conhecido Sr. MANUEL REI da Figueira da Foz atribue-lhe a idade de 150 a 160 anos. Seria um representante, entre os poucos sementões que subsistiram, da mata fradesca que ali existiu e foi pertença dos Crúzios até 1834, data em que passou ao domínio do Estado.



A. Taborda de Morais fot. em 13 Maio 1939

*Pinus Pinaster* Ait., da Mata de Foja

## Plátano de Foja

### *Platanus acerifolia* Willd.

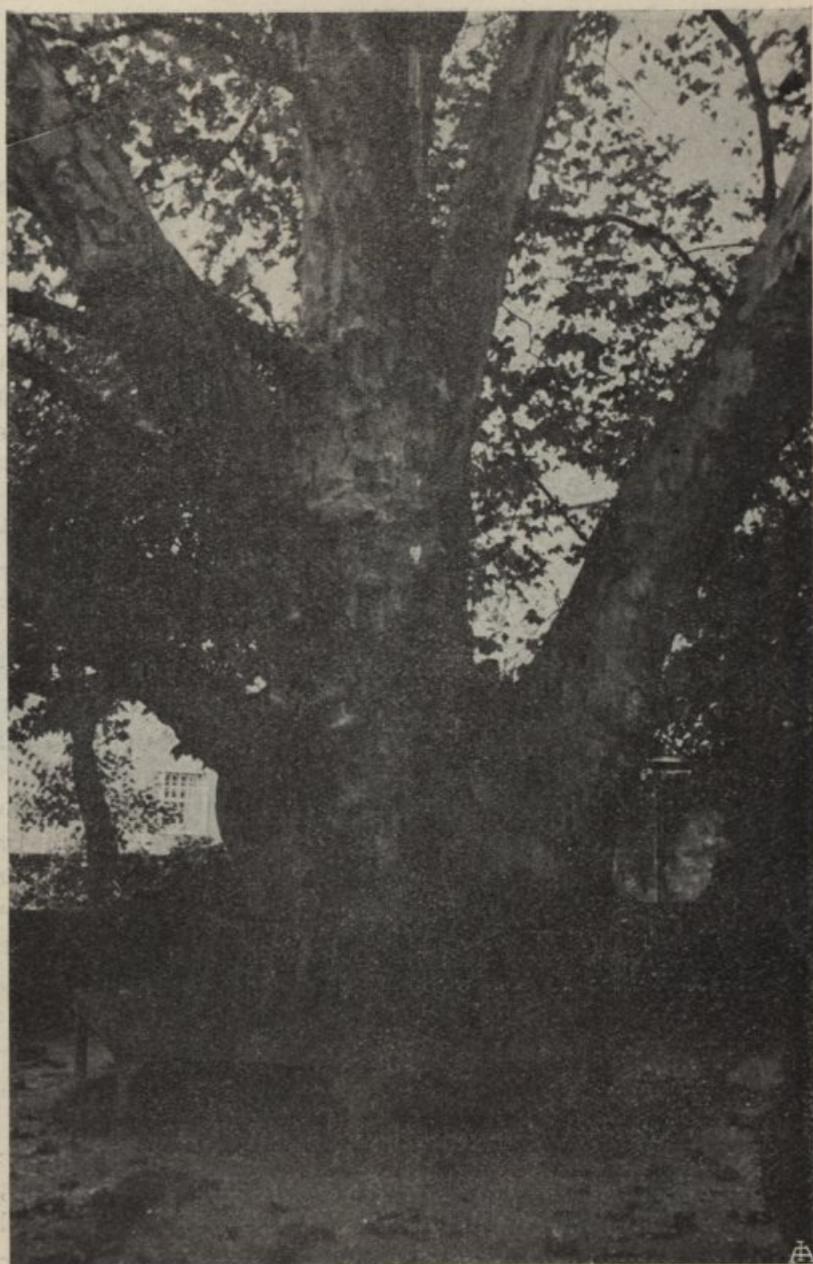
*Localização.* Na Quinta de Foja, num dos pátios da residência senhorial; à sua volta o domínio incontestado do arroz, um mar de água durante parte do ano, em todo o espaço que daqui se dilata para o sul até ao limite da estrada da Figueira entre Montemor e Maiorca.

*Descrição:* Referi-me já a este plátano ao escrever sobre os dois exemplares da mesma espécie situados na Quinta do Espinheiro em Coimbra e os três da Fábrica de Fiação em Tomar (*Anuário da Soc. Broteriana*, 1938, p. 48).

Apresenta, segundo determinações do Sr. Engenheiro A. BARJONA DE FREITAS, a altura total de 25 m., largura da copa 23 m. e perímetro do tronco 5,85 m. Ramifica muito cedo como se vê na fotografia junta, a 1,5 m. do solo. Frondoso, cercado de vários edifícios, não se pôde fotografar em conjunto. A particularidade mais notável é a do grande número de soldaduras naturais ou provocadas entre vários dos seus ramos.

O exame taxanómico não desdiz, pelos caracteres das fôlhas, da opinião que exprimi em 1938 a páginas 42 deste Anuário (ano IV), e as dimensões não contrariam a hipótese aí emitida também (páginas 48).

Foi declarado de interesse público no *Diário do Govêrno*, II série, n.º 298, de 23 de Dezembro de 1939.



A. Taborda de Moraes fot. em 14 Novembro 1939

*Platanus acerifolia* Willd., da Quinta de Foja  
Tronco visto de W.

## Sobreiro da Valinha

*Quercus Suber L.*

*Localização.* Na povoação da Valinha entre Monção e Melgaço. É notável a situação deste espécimen a tão elevada latitude, em



Dr. J. R. Santos Júnior fot. em Julho 1939

*Quercus suber L.*, da Valinha  
Tronco

pleníssimo Minho Setentrional, fronteiro à Galiza, num clima que atinge mais de 1.500 mm. de pluviosidade anual.

*Descrição.* Só através da breve notícia que o Dr. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR teve a amabilidade de me comunicar por carta juntamente com as fotografias que se publicam fico conhecendo este exemplar. Diz-me êle que as suas dimensões são de 5,37 m. de perímetro do tronco a 1,20 m. do solo, e é, por tradição e documentos, centenário.

Ao escrever sobre o sobreiro de S.<sup>to</sup> Amaro (*Anuário Soc. Broteriana*, 1938, p. 40) acentuei a circunstância do avanço setentrional da espécie em Portugal, ainda que considerada como caracteristicamente mediterrânica. Que ela se distribua em Trás-os-



Dr. J. R. Santos Júnior fot. em Julho 1939

*Quercus Suber L., da Valinha*



-Montes até à roda de 700 m. em altitude na companhia da própria Azinheira, como acontece, está ainda dentro das suas supostas necessidades ecológicas; que seja também vizinha do rio Minho, como as estatísticas da produção da cortiça o revelam e êste exemplar o mostra, é facto a assentar entre nós, como de resto se estabeleceu já para a Galiza onde «Se le ve frecuentemente en la región litoral y media...» (MERINO, *Flora de Galicia*, 1906, II, p. 604).

Galicia 2000. P. 1. 1. 1. 1.



